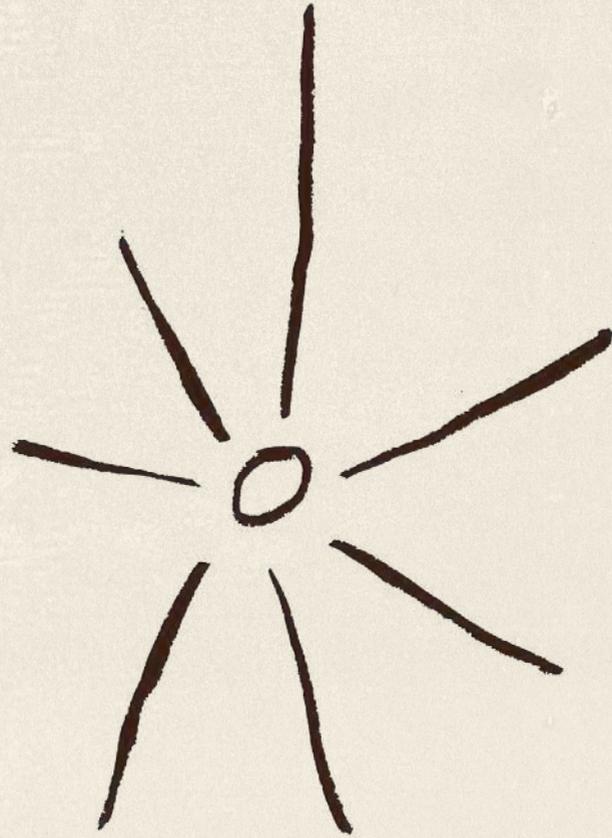
The background is a textured brown color. Overlaid on this are several thick, expressive purple scribbles that form a complex, web-like pattern across the entire page. The text is written in a yellow, hand-drawn, sans-serif font.

COM PARTILHA
SEGREDOS COM
O SOL E DEIXAR
QUEIMAR

Gabriel FERNANDES

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design



Compartilhar segredos com o sol e deixar queimar

Experimentação gráfica
enquanto autoficção

Gabriel de Souza Silva

Memorial descritivo do Projeto de
Conclusão de curso, requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel
em Design da Universidade Federal
de Pernambuco sob a orientação da
Professora Isabella Aragão e
coorientação de Ariana Nuala.

Recife - São Paulo, 2023

MOVIMENTAÇÕES

SÔNICAS ABA LOS SISMICOS
PROVOCAÇÕES DE MOVIMEN
TO, HÁ SOM NO SILÊNCIO
HÁ COR NO VAZIO NEU
TRALIDADE NÃO EXISTE
SPACE SOUND TO DANCE
MOVO MOVO MOVO ESPÍRI
TO FANTASMA ANCESTRAL
NASCE DO VAZIO NASCE DO
SOM NASCE DO MISTÉRIO
ABISMO PELÍCULA TRAVESSIA
ME MOVO PE LA DANÇA

AGRADECIMENTOS

As palavras aqui gestadas nascem de um sonho, de um desejo constante por liberdade e movimento. Agradeço à lugares, amizades, amores e a tudo que nomeei família durante esse tempo. Vocês me fazem feliz. Inicio agradecendo aos meus ancestrais, aos que abriram portas e sonharam antes de mim.

Agradeço à minha família, especialmente meus pais Weidman e Betânia, por serem engenhosos, sonhadores e curiosos com o mundo. Obrigado por acreditarem em mim desde o primeiro dia. O mesmo vale para meus irmãos, Guilherme, Priscila e Júlia. Aprendo constantemente com nossas diferenças e aproximações, me sinto engrandecido por isso.

À Vó Lourdes, companheira de conversas, inspiração em toda sua versatilidade de habilidades. Também à minha Vó Maria, sempre doce, receptiva e atenta.

Agradeço à professora Isabella Aragão, que desde o início do processo, ainda em 2020, construiu conjuntamente um espaço de troca baseado na fala e escuta. Consigo perceber como agora, no fim do processo, como foram potentes nossas transformações pautadas numa vulnerabilidade mútua.

Agradeço também a Ariana Nuala, que coorientou este trabalho. Obrigado por me acompanhar nesse trajeto sinuoso. Caminhar contigo foi também construir um espaço dual de conforto e atenção extremas. Me sinto honrado por ter compartilhado tanto durante o tempo de convivência e pesquisa.

À Fabio e Jonas, parte fundamental da família que construí em São Paulo, e que gentilmente colaboraram na captação audiovisual deste trabalho; amo vocês.

À Kaéterine Terra, amiga de longa data e colaboradora direta em meu processo de criação desse trabalho. Obrigado por todo espaço de experimentação, aprendizado e troca. Me apropriou de tuas palavras para dizer que aprendi muito sobre mim e sobre você nesse processo. Que possamos cada vez mais mergulhar nas possibilidades oferecidas por nossa vulnerabilidade, te amo!

À professora Oriana Duarte, que sempre me acompanhou durante a trajetória da graduação. Por também me manter curioso e atento, me estimular a diluir fronteiras, compreender mais o tempo das coisas e questionar meus ídolos.

Também agradeço às professoras Maria Cristina Ibarra e Solange Coutinho, ambas essenciais para minha formação enquanto Designer e cidadão. Obrigado por todas as trocas que extrapolam as paredes da sala de aula, por toda abertura e escuta durante o processo de graduação.

Agradeço aos amigos da Cósmica Serigrafia; Lu, Jone, Ben e Luna. pelos ensinamentos, bons almoços veganos e todo companheirismo ao longo dos anos. Vocês, são antes de tudo uma das muitas famílias que me acolheram.

Ao Ateliê Escadaria e Rayana Rayo, que acolheu e somou tanto com meu trabalho. Vida longa ao Edf. Douro!

Aproveito também para agradecer a família Propágulo, mais especificamente Heitor, Rod e Gui. Obrigado por tanta sensibilidade e atenção a mim e ao meu trabalho. Vida longa à Propágulo”

Agradeço aos meus (muitos) colegas de curso. Aos amigos que fiz ao frequentar o LPG, à Dudu, Gabi, Matheus, Filipe Aca, Júlia Moreira, Sofia L'amour, Heitorzinho, Ryan, Gui, Vick, Iara, Duda, Ana Clara e tantas e tantos outros que caminharam comigo.

À Todas amigas, amigos e amigues que formam uma rede de apoio acionada em qualquer lugar. Sinto saudades mas me alegro por ter tantos pontos de apoio espalhados mundo afora. Libra, Anti, Geni, Jean, Aura, Naeh, Gugo, Moxca, Samara, Crislaine, Nico e Pat, Camila, Carol, Luana, Vini, Marina, Yan, Caia, Bida, Ciana, e toda grande família que permite que os deslocamentos sejam viáveis e que os retornos sejam confortáveis. Amo vocês e me sinto sortudo por tê-las por perto!

À Heitor, companheiro e grande amor que me acompanhou nesses três anos de processo. Obrigado por todas madrugadas conversando maluquice, por todos passeios entre a utopia e distopia e por toda disposição em encarar a mutabilidade e transformação das coisas. Sigo aprendendo muito contigo, e sinto muita saudade, baby.

Agradeço especialmente a Amóri, amiga e irmã que compartilha de forma tão íntima não só a vida, mas também processos criativos comigo. Obrigado por todas as manhãs, tardes e noites de ateliê, todas pedaladas noturnas e aventuras entre São Paulo e Recife, te amo.

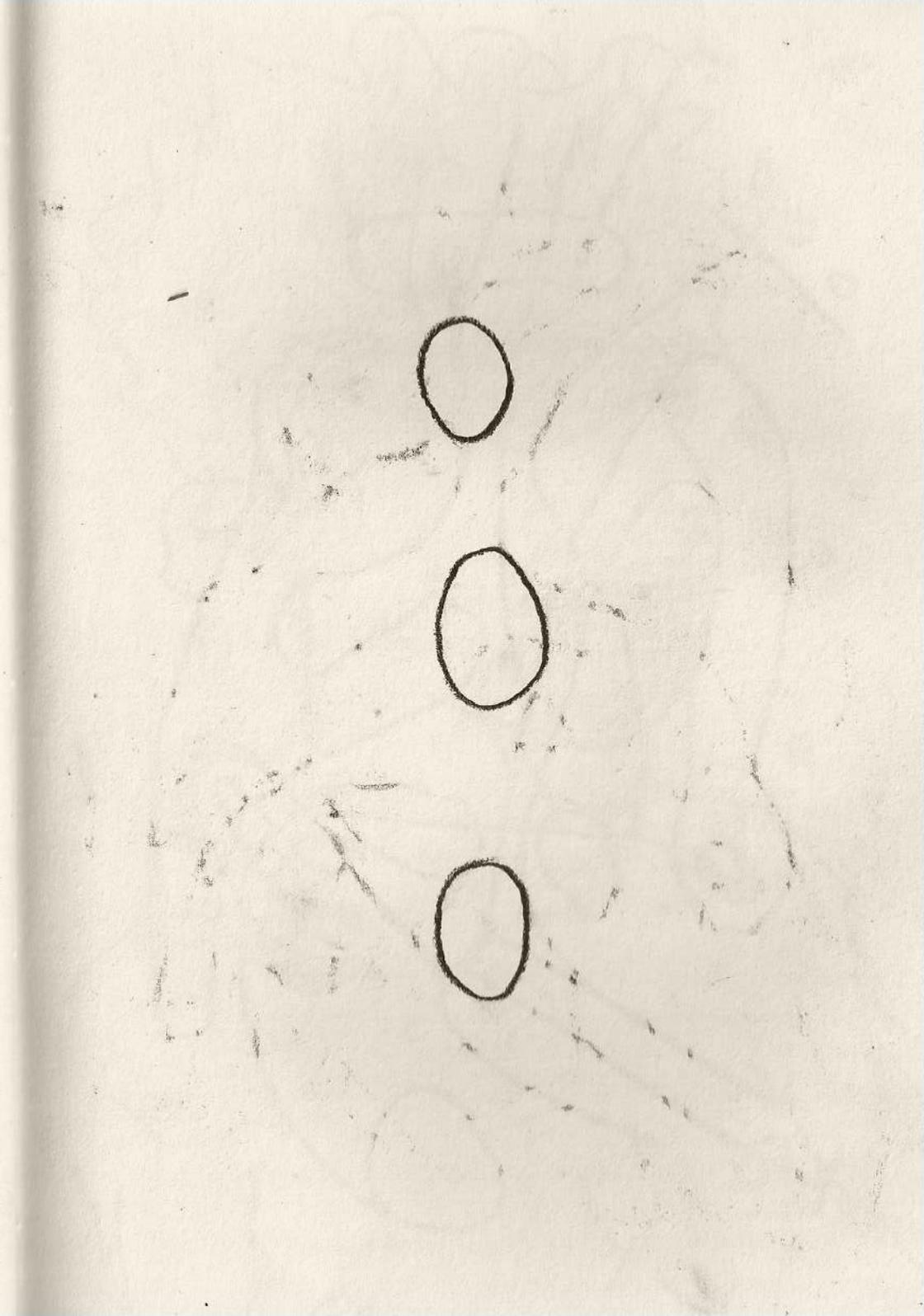


“Estou aprendendo a voar, levitar. não tem ninguém me ensinando. estou aprendendo sozinha, pouco a pouco, a cada lição de sonho. Não é uma imagem muito sutil, mas sim persistente. já fiz muitas aulas, e sou melhor voando do que antes. agora, confio mais em minha capacidade, mas ainda sinto muito medo. ainda não consigo controlar as direções muito bem.”

Lauren Olamina em *A parábola do sementeiro*, de Octavia Butler (1980)

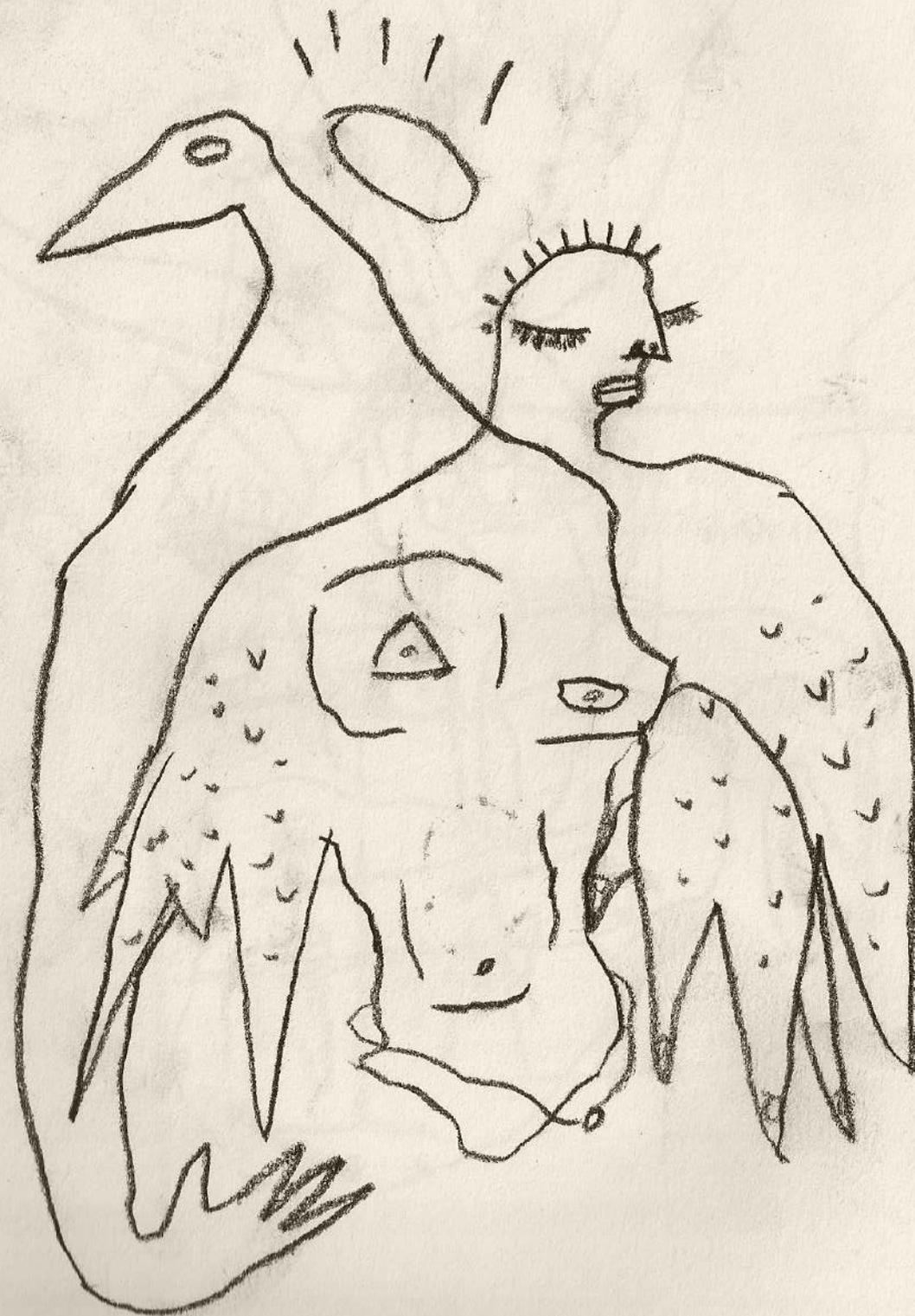
Palavras-chave

autonarração, desenho, gravura,
livro-processo, experimentação,
gesto, palavra, memória



SUMÁRIO

Introdução	14
Nasce do vazio, nasce do som, nasce do mistério	20
Gesto-Mistério	38
Formas de Voar	60
Gosto de sol	88
Referências bibliográficas	110



INTRODUÇÃO

Caderno-
processo
utilizado
durante a
pesquisa



Início esse texto de onde estou, flutuando. Asas contorcidas, movimentos imperfeitos e repetitivos, grandes saltos para o abismo. O objetivo deste trabalho não é desenvolver um projeto a partir de um ponto inicial, muito menos delimitar um ponto de chegada. Caminho a partir de imagens e gestos já familiares para investigar minha relação com o desenho, percorro o desejo de embaralhar conceitos já formados e bagunçar com a estrutura hegemônica na qual as artes e o design operam.

Desde muito pequeno entendi o não-lugar enquanto um espaço familiar para mim. Familiar, mas raramente confortável. Cresci entendendo as limitações que o mundo impunha a mim. O silêncio não era somente timidez, mas uma estratégia de sobrevivência, uma forma de conseguir passar despercebido, me adequar à norma.

“*Compartilhar segredos com o sol e deixar queimar*” é um projeto de experimentação gráfica que dialoga diretamente com a falha enquanto percurso. O processo aqui nasce de uma pedagogia coletiva rebelde, de um aprendizado que

parte da imperfeição e do não-lugar enquanto possibilidade de geração de vida. O trabalho foi realizado com colaboração direta da artista visual Kaetérrine Terra, amiga e artista visual membra do coletivo de experimentação gráfica FudidaSilk.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar meu processo artístico, partindo da observação e intervenção em arquivos pessoais, como cadernos, desenhos, gravuras e papéis avulsos, desenvolvidos ao longo dos últimos três anos. Busquei, através do resgate de minha prática e pensamento, desenvolver um artefato de caráter gráfico que revelou-se apenas ao fim do processo. Tendo em vista as intercorrências que surgiram ao longo do processo, me apropriei do método cartográfico (ROLNIK, 2014), para guiar minhas análises e decisões.

COSTA,
Luciano Bedin
da. “Cartografia:
uma outra
forma de
pesquisar.”
Revista digital
do LAV. Santa
Maria, UFSM.
Vol. 7, n. 2, p.
67, (2014).

O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. No entanto, ele nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos. Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo.

Diferente do que é o mapeamento, a cartografia exige do pesquisador um trabalho ativo de corpo e mente, onde os territórios moldam e são moldados enquanto são percorridos.

Além disso, para contextualizar as noções de tempo/espaço espiralar presentes nesse texto, me aproprio do conceito de tempo espiralar proposto por Leda Maria Martins (2021) em seu trabalho *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*.

Sigo com Kiffer (2018) e sua pesquisa aos cadernos de Artaud e Glissant ao tratar do caderno de artista, e também me aproprio da leitura *Definições e indefinições do livro de artista*, de Paulo Silveira (2008), para me aprofundar nas especificidades do artefato que desenvolvi. Também circulo pelo texto *A escrita de si*, onde Foucault (2010) utiliza os *Hypomnemata*, onde o autor apresenta o poder subjetivador que a escrita sobre si mesmo representa.

Ao tratar dos processos de descoberta da intimidade com a escrita, normatividade e não separação das práticas de escrita e desenho, me baseio no trabalho da autora Glória Anzaldúa (2000), na artista visual Tadáskia e na pesquisadora e autora Ana Kiffer (2021). Para tratar de minha jornada pessoal, sonhos, deslocamentos e fortalecimento de laços de amizade, me espelho na jornada da personagem Lauren Oya Olamina, do livro *A Parábola do Semeador*, da autora Octavia Butler (1992) e o livro *Poética das relações* de Édouard Glissant (2021).

Finalmente, dialogo com Castiel Vitorino Brasileiro (2022) e Jota Mombaça (2021) para alargar as fronteiras poéticas e políticas do título escolhido para o trabalho: *Compartilhar Segredos com o Sol e deixar queimar*. Manifesto aqui o desejo de ultrapassar a racialidade para assim me conectar com outras possibilidades de ser/estar no mundo através da conexão com corpos cósmicos, minerais, vegetais e animais.

“A luz negra iluminou de uma só vez o labirinto de túneis e nós, juntas, fizemos tudo à nossa volta voltar a vibrar.”

Reforço também o caráter ensaístico desse texto. Penso nele como um diário que narra o trajeto não somente na execução desse projeto, mas de todos os outros que iniciei e amadureci ao longo dos últimos três anos. Fragmentos de gravuras, desenhos, trechos de poemas, pinturas e pensamentos. Construir este artefato que permeia entre um caderno de processo e um livro-objeto foi lidar diretamente com o fracasso e explorar um lugar seguro para dividir algumas de minhas vulnerabilidades. O artefato apresentava-se como um espaço de proteção e intimidade, construído por muitas mãos além da minha.

Além disso, tomo a liberdade de desenvolver um memorial gráfico que utiliza-se do desenho e da escrita gestual enquanto ferramentas textuais. Portanto, partes do texto também são trechos de cadernos, cartas, screenshots de celular e folhas avulsas que utilizei e recebi durante

a execução do trabalho, como forma de dialogar com o caráter intraduzível de alguns pensamentos e sentimentos que me atravessaram durante minha imersão no processo. Da mesma forma, optei por destrinchar meus referenciais bibliográficos durante o texto. Aproveitando a liberdade do memorial gráfico, optei por costurar diálogos com minhas referências, trazendo-as diretamente para o contexto de meus trabalhos enquanto surgiam.

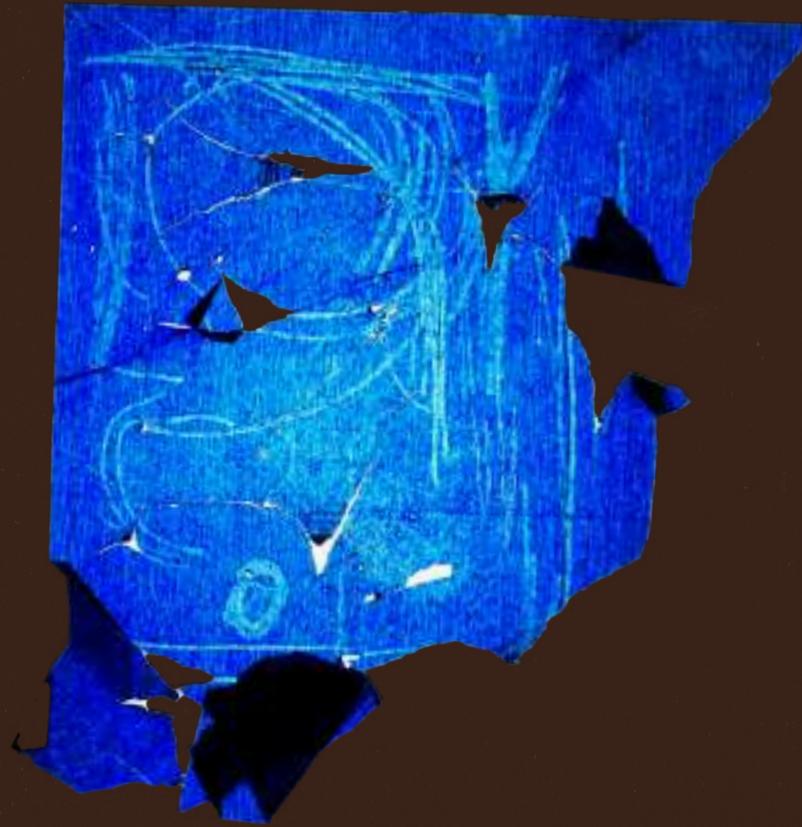
Também aproveitei o momento de abertura de novos processos para trocar de maneira informal com amigas artistas: Amori (pintura, desenho e escultura), George Teles (pintura, desenho e gravura), Samara Paiva (pintura e desenho), Moxca (pintura e desenho), Luana Lorena (fotografia e publicação) e Kaetérine (pintura, desenho, performance e gravura). As conversas englobaram aspectos poéticos e práticos da criação, entendendo que nem sempre a linha que separa ambas classificações é tão nítida.

Utilizei minhas vivências dentro do departamento de Design ao longo de minha graduação, onde as conversas com as professoras Maria Cristina Ibarra (Design e antropologia), Oriana Duarte (Plástica e performance) e Isabella Aragão, vice-coordenadora do LPG, orientadora do Pibic e deste trabalho, me incentivaram a estar confortável em circular por espaços fronteiriços entre o design e a arte. Estar no LPG, o Laboratório de Práticas Gráficas, me proporcionou a experiência de viver o design a partir do toque, da aproximação de materiais analógicos e digitais, de poder me relacionar com outros alunos que também viviam uma experiência de habitar fronteiras dentro do curso.

MOMBAÇA, Jota. Veio o tempo em que por todos os lados as luzes dessa época foram acendidas, Buala [blog], Corpo em revista, 26 de Novembro de 2018.



Nasce do vazio,
nasce do som,
nasce do mistério



“O que se vê é o invólucro do
que não se vê. Por seu turno, o
invisível dá corpo ao visível, qual
todo o ar que há dentro de um.”

Tiganá Santana, *Tradução, interações e cosmologias
africanas* (2019)

Passei os últimos três anos numa atuação constante entre os campos do design e das artes visuais. Nas artes, operava entre a pintura, o desenho e a gravura, sendo a pintura o espaço onde mais amadureci minha pesquisa. No design, oscilei entre estagiar em agências de publicidade e escritórios de design, oscilando entre períodos freelancer, em que tocava projetos nas áreas da cultura e política, principalmente.

Assim como outros colegas, compreender minha jornada enquanto artista-designer (ou designer-artista) nunca foi uma tarefa simples. Equilibrava minhas atividades entre os percalços para me manter financeiramente, enquanto em paralelo desenvolvia minhas pesquisas pessoais. Dentre essas pesquisas, decidi me aprofundar na gravura, desejando não somente aprofundar minha relação com novos materiais, mas também finalizar meu trabalho de conclusão de curso.

Sendo assim, optei por explorar três técnicas: a cianotipia, a serigrafia e a monotipia, esta experimentada futuramente através da gravura em papel carbono. Não me interessava o uso formal dessas técnicas, mas sim as formas que poderiam ser incorporadas ao que já pesquisava e como poderia aprender com a manipulação de cada material. Aos poucos, tive a oportunidade de explorar cada uma das técnicas em imersões artísticas variadas. Nos parágrafos seguintes, pretendo explorar cada uma delas em suas especificidades técnicas e poéticas.

Tive contato com a cianotipia ao receber um convite do coletivo Propágulo para desenvolver um múltiplo de arte voltado aos assinantes dos produtos culturais oferecidos por eles. O contexto do trabalho era bastante específico, estávamos experimentando a volta dos encontros presenciais após vários meses em reclusão em decorrência da quarentena do CoronaVírus. Nos encontrarmos para experimentar no âmbito material era ainda mais especial que em outros tempos.

A Propágulo é uma instituição autônoma que atua no mapeamento e difusão da produção artística desde 2017. Funcionando a partir de Recife (PE), fomenta a pesquisa e a produção artística através de seus programas editoriais, curatoriais e educativos.

A instituição teve seu início marcado pela produção da revista Propágulo, periódico impresso semestral sobre artes visuais. Atualmente, coexistem com a revista livros, podcasts, exposições, conteúdos audiovisuais e grupos de estudo. Exemplos das múltiplas frentes praticadas hoje pela organização, tais produtos culturais são fruto do apoio de assinantes, parcerias institucionais e apoios de pessoas físicas e jurídicas que contribuem para a manutenção da Propágulo.

PROPÁGULO.
A Propágulo,
2023. Sobre.
Disponível em:
<<https://www.propagulo.com.br/sobre>>.
Acesso em:
28 de abr. de
2023.

Na ocasião, desenhei em chapas de acetato com caneta Posca. A imagem a ser revelada tratava-se de um desenho entre vários papéis avulsos e desenhos no caderno que levei para a sala da Propágulo, que ainda era localizada numa casa compartilhada na Zona Norte do Recife.



Hipedestrutivo
Cianotipia
sobre papel A3
2021
Gabriel
Furniga
(Acervo
Propágulo)

Selecionamos a imagem a partir de um diálogo com a série *Hipersensível*, fanzine digital que desenvolvi ainda em quarentena. A série agrupava poemas com imagens e texturas retiradas da internet e de cadernos que utilizava na época. Ali, já utilizava da palavra em meu processo de maneira mais consciente. A fanzine, inclusive, tornou-se uma de minhas fontes de renda durante o período de pandemia, sendo impressa futuramente nos formatos de risografia e impressão em algodão.



À direita, imagens da fanzine *Hipersensível*, trabalho desenvolvido a partir de tecnologias analógicas e digitais durante a quarentena da COVID-19.



NEM SEMPRE
REBENTO EM LÁGRIMAS

ÀS VEZES DESSALINIZO
CORRE CACHOEIRA AQUI
~~CORRO~~

NEM SEMPRE CORRO
ÀS VEZES PARO

ONDA CASSIANO
SONHO SALGADO

SINTO
NEM SEMPRE ÀS VEZES
É RARO

Em paralelo, projetava cada vez mais pássaros cortando céus, autorretratos e cartografias distorcidas e rasuradas que alargavam a fronteira do abstrato e figurativo. Aproveitei a flexibilização das normas sanitárias e passei a organizar uma imersão em serigrafia no ateliê dos amigos da Cósmica Serigrafia.

Localizado na Lagoa do Araçá, Zona Oeste do Recife, o ateliê funcionava nos fundos da casa de Luciana e João, ambos designers e também ex-estudantes da UFPE. Para além de nossa amizade, já havia impresso alguns trabalhos com a Cósmica. Nas ocasiões passadas, havia desenvolvido algumas gravuras para serem vendidas em feiras de artes gráficas.

Dessa vez, minha intenção era pesquisar possibilidades de aproximar a serigrafia de um gesto mais livre, próximo do desenho que já exercia com mais propriedade. Passei a experimentar no papel manteiga materiais com propriedades estéticas e químicas diferentes. Notei, por exemplo, que o desenho com pastel oleoso ganhava texturas mais interessantes, mas não garantia uma cobertura tão opaca ao ser revelado, derivando em falhas no desenho.

Por outro lado, o desenho com caneta Posca me garantia um traço semelhante a uma vetorização digital, apesar de uma maior organicidade. Misturei ambos resultados com algumas das cianotipias que havia herdado da Propágulo, essas em papel 100% algodão, e aproveitei pra testar em texturas de papéis diferentes: o papel manteiga, papel paraná e sulfite.

Nas primeira imagem a seguir (esquerda), um teste das duas matrizes feitas à mão impressas em papel colorplus 120g em cor preta. Na segunda imagem (direita), um experimento sobre a cianotipia utilizando também partes de outro trabalho também impresso com a Cósmica Serigrafia.



Durante esse tempo, tive a oportunidade de expor no SESC Pernambuco nos anos de 2021-2022 (Sesc Santo Amaro e Garanhuns), a série *Aprendendo a ler sonhos*.

O trabalho era formado majoritariamente por pinturas, mas tinha como proposta a simulação de uma experiência de ateliê, com desenhos inacabados, gravuras, cavaletes e cadernos de processo dividindo espaço com as pinturas. Tanto a matriz da gravura *Hiperdestrutivo* quanto as gravuras da experimentação com a *Cósmica* fizeram parte da expografia do trabalho.

No ano de 2021, ainda, utilizei meu desejo de pesquisar a materialidade do papel carbono. Para isso, em conjunto com a Propágulo, propusemos a residência artística CONTRALUZ, trabalho fomentado pela Lei Aldir Blanc-PE. No trabalho, a questão “Que encontros podem surgir quando assumimos o percurso errante e atento enquanto maneira de cartografia?” Proposta a partir de diálogos com o curador Guilherme Moraes e eu, que guiaram nossos processos de pesquisa. Na residência, fiz uso de um diário de campo, folhas de papel carbono, objetos diversos para transferir de um papel para outro, e o pastel oleoso, que já fazia parte de minha pesquisa com desenho.

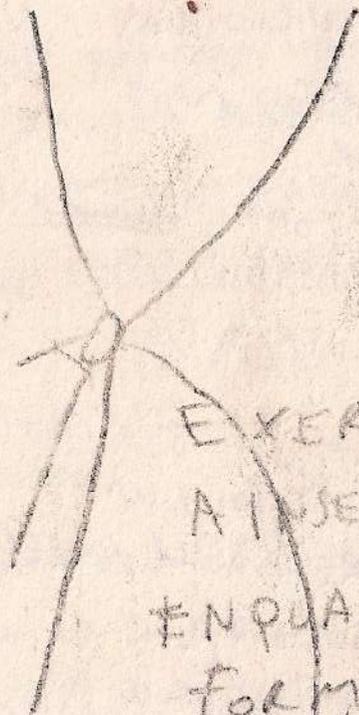
Durante dez dias, conseguimos captar processos que iam de conversas informais a leituras e práticas de escrita e desenho. Consegui não somente atravessar questões sobre minha criação, mas também conexões entre racismo e tecnocracia, estados de humor, sonhos e desejos. Enquanto resultado das experimentações, cheguei a resultados variados para o uso do carbono.

Investiguei a dimensão performática do gesto a partir da escolha de papéis menores ou maiores; também fiquei interessado nas dimensões plásticas do que seria a matriz, nesse caso a folha de carbono. Para além dos desgastes e dobras que davam um tom quase escultural ao papel, as marcações no carbono garantiram uma gama de movimentos, pistas e rastros do processo quando colocadas contra a luz.

Nesses trabalhos, já manifestava a inquietude de meus processos criativos. O ateliê parecia se alastrar por diversas atividades exercidas por mim, para além de seu espaço físico. E os trabalhos eram sempre revisitados, ganhando outras dimensões, texturas e combinações cromáticas.



desenhando
me o ego melhor



EXERCITAR
A INSEGURANÇA
ENQUANTO
FORMA DE
VOAR

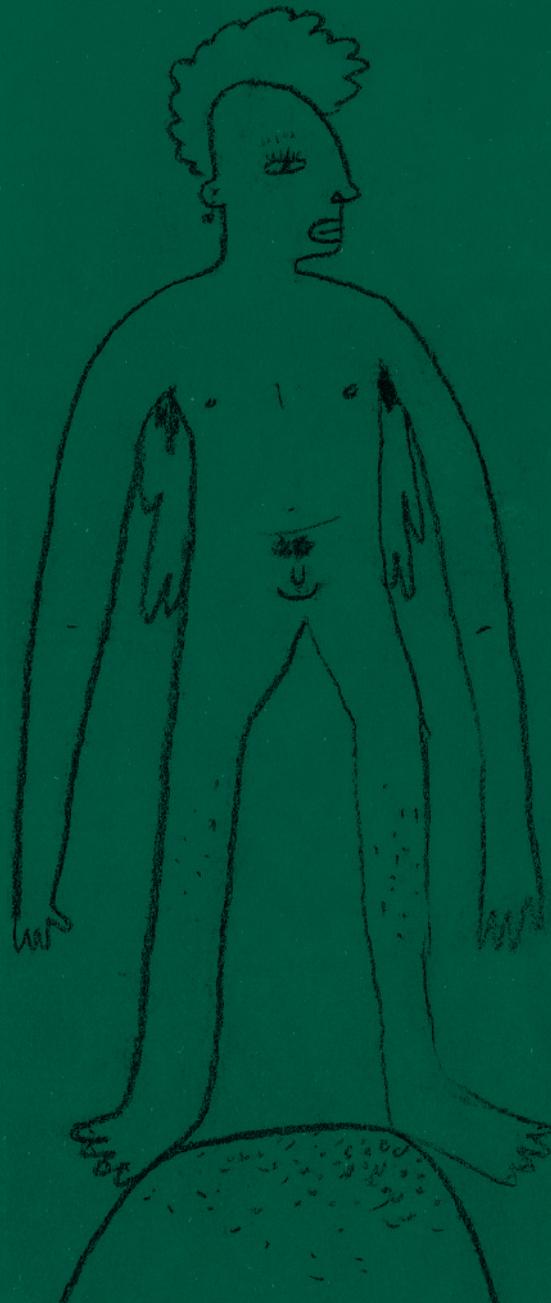






Gesto-mistério

(capítulo 2)



“A visibilidade não nos protege. Então, como é que a gente pode não ser apagada e ainda assim não nos tornar transparente? Não ser silenciada e ainda assim não ser completamente traduzida?”

Jota Mombaça, 2021.

Acredito que pela primeira vez, utilizava o caderno diretamente como ferramenta de trabalho. Era a partir dos escritos (desenhos e textos), que iríamos compor o livro, também nomeado CONTRALUZ. A marcação em carbono e a narrativa no caderno me proporcionaram uma visão mais crítica do meu trabalho fora da pintura, onde estava tão imerso. Pela primeira vez, utilizava a escrita de forma consciente em meu processo.

Retorno à jornada da personagem Lauren Oya Olamina, personagem de Octavia Butler na *Parábola do Semeador* (1992). Lauren também utiliza-se da escrita e do caderno como espaços que, para além do registro, resguardam conhecimentos essenciais a sua sobrevivência. Ela alterna sua prática entre escrever seu livro de profecias e reflexões, o *Semente da terra: o livro dos vivos*, e seu diário, que contém informações que a ajudarão a sobreviver no mundo externo. Reflito sobre minhas recentes mudanças, a saída da casa dos meus pais, e finalmente a chegada a São Paulo. Penso nos voos e nos preparativos de Lauren antes que ela saia dos portões que protegem a comunidade onde vivem para finalmente se aventurar num mundo novo em destruição.

Acrescento ainda o comentário de Foucault sobre os hypnematata:

Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc. E isso para tê-los, de acordo com uma expressão que frequentemente retorna, prokheiron, ad manum, in promptu. “À Mão”, porém, não simplesmente no sentido de que poderiam ser chamados à consciência, mas no sentido de que devem poder ser utilizados, tão logo seja necessário, na ação;

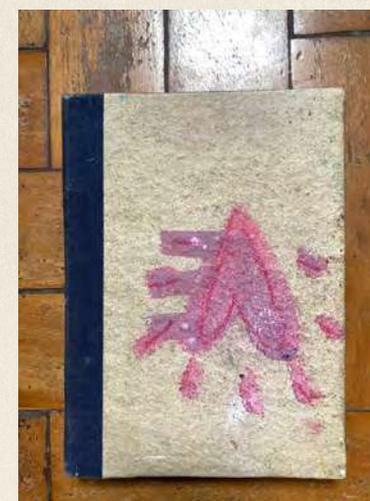
FOUCAULT, Michel “A escrita de si”. In: *O que é um autor?* 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 148.

Reflito então sobre o caderno não somente como artefato ou ferramenta, mas como extensão de corpo, território familiar e frutífero capaz de suscitar relações consigo mesmo e com os outros. Diferente do livro, o caderno, ou hypnematata, ainda tem como função ser guardião do inacabado. O caderno não tem compromisso com o começo nem fim, na maioria das vezes. No meu caso, nem mesmo existe um compromisso com a linearidade. Tenho o hábito

de revisitar meus desenhos e anotações desde muito antes dessa pesquisa.

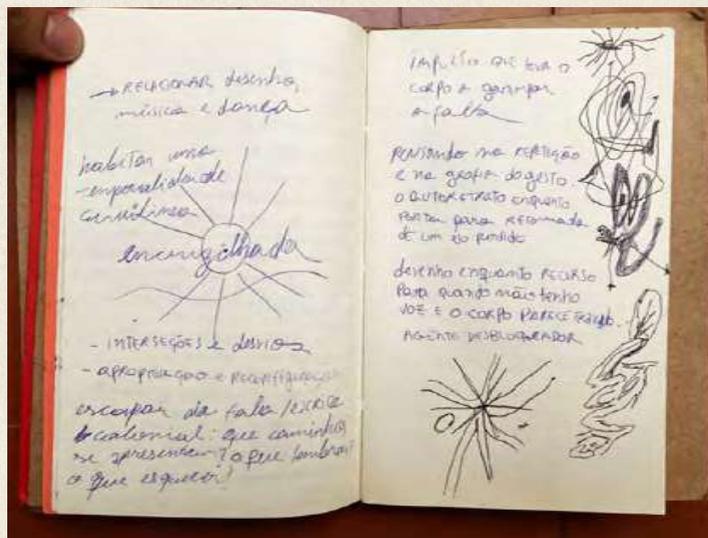
Como oráculos, muitas vezes encontro pistas para questionamentos do meu presente nessas páginas, ou até retomo processos já esquecidos; desenvolvo uma memória espiralar e ativa. Meus cadernos são também um espaço de confraternização, observando as páginas, encontro escritos não somente feitos por mim, mas também amigos próximos que tiveram acesso ao conteúdo ali presente. Rompo com a linearidade e retorno a um caderno de 2020.

Com um coração invertido pintado com tinta acrílica na capa, trazia as seguintes informações em sua última folha: “Esse caderno é composto por 160 páginas de papel pólen bold 90g/m² sem pauta, capa dura com revestimento em papel artesanal e lombada em linho. Encadernado manualmente no inverno de 2019, na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco.”



Destaco o texto para salientar a importância da materialidade ali presente. Para além da oportunidade de preencher as folhas em branco, reflito sobre os aspectos materiais ali presentes. A textura e densidade da capa, tipo e cor das folhas, dimensão do artefato: tudo isso influencia na relação com o caderno.

Diante do emaranhado de memórias que acesso, percebo que apesar do medo, a palavra sempre acompanhou meu processo de criação. Vejo a ação do tempo, espaço e dos materiais utilizados agindo diretamente sobre meu trabalho. Inicialmente, a questão que motivava meu retorno aos cadernos era compreender o que compunha meu processo criativo. Como se manifestava a repetição? Qual o papel da gestualidade nesses desenhos? De que forma compreendia as fronteiras da abstração e figuração no meu trabalho? O que, atualmente, permanece desses cadernos e o que já foi transmutado? Observando agora, retorno a uma frase que me chamou atenção numa outra caderneta, essa utilizada nos meus primeiros escritos: “Desenho quando não tenho voz e o corpo parece travado > agente desbloqueador”.



Considero então o gesto enquanto um estudo constante desses modos de voo, dessas tentativas de escapar que Lauren menciona. O gesto não parte apenas do resgate da memória, mas também do que acontece no movimento. O caderno, o desenho e a pintura, no meu trabalho, tornam-se partes diferentes de um mesmo processo de estudo da relação espiralar entre matéria-tempo-espaço-corpo.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento. Em África, assim como nas Américas, “o bom dançarino é o que conversa com a música, que claramente ouve e sente as batidas, e é capaz de usar diferentes partes do corpo para criar a visualização dos ritmos”.

Martins ainda complementa: O gesto, dessa forma, não é simplesmente narrativo ou descritivo, mas performativo. Busco de alguma forma definir então o que compreendo como desenho e escrita. O que noto ao imergir nesse processo é que minha pintura, por mais que tenha suas particularidades, é derivada dos dois processos acima. Noto num primeiro momento uma aproximação entre ambas classificações. A escrita e o desenho partem geralmente de um gesto livre, que manifesta-se a partir do desejo, da memória e da transmutação de seres animais, vegetais, minerais e oníricos.

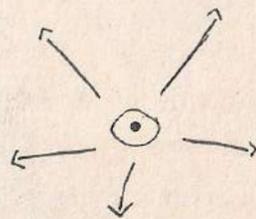
KIFFER, Ana. Corte/Relação: Antonin Artaud e Édouard Glissant. In OSE, Elvira Dyangani. (editora); 34ª Bienal de São Paulo: Faz escuro mas eu canto: catálogo. Vários autores. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2021.

Escrita- gesto que trafega entre o desenho e o texto, mas sobretudo que indica a presença do traço como força de relação da escrita com tudo que apartamos do mundo letrado

Escrita e gesto, portanto, combinam-se num jogo de complementaridade. O que não parece ser abarcado por um, é por outro. Reforço ainda o poder de comunicação presente nas cores e texturas derivadas dos diferentes materiais. Acredito que esses são importantes desenvolvidores de suas próprias narrativas no processo de pensar mensagens.

CHEGO ESQUISITO MAS MELHOR QUE DNTEM.
ULTIMAMENTE AS COISAS PARECEM UM
POUCO MOVEDIGAS.

TENHO ME ESFORÇADO
PRA ESCREVER MAIS,
O TEXTO LINEAR AINDA
ME INTIMIDA



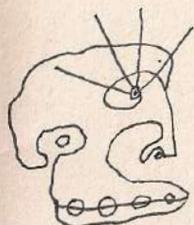
OLHOS DE FLECHA

CRIATURAS ABISSAIS

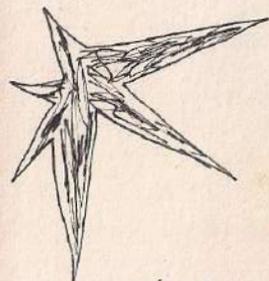
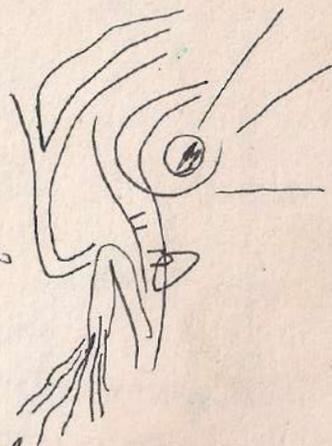
MONSTROS

MARÍTIMOS DANÇAM

EM MIM

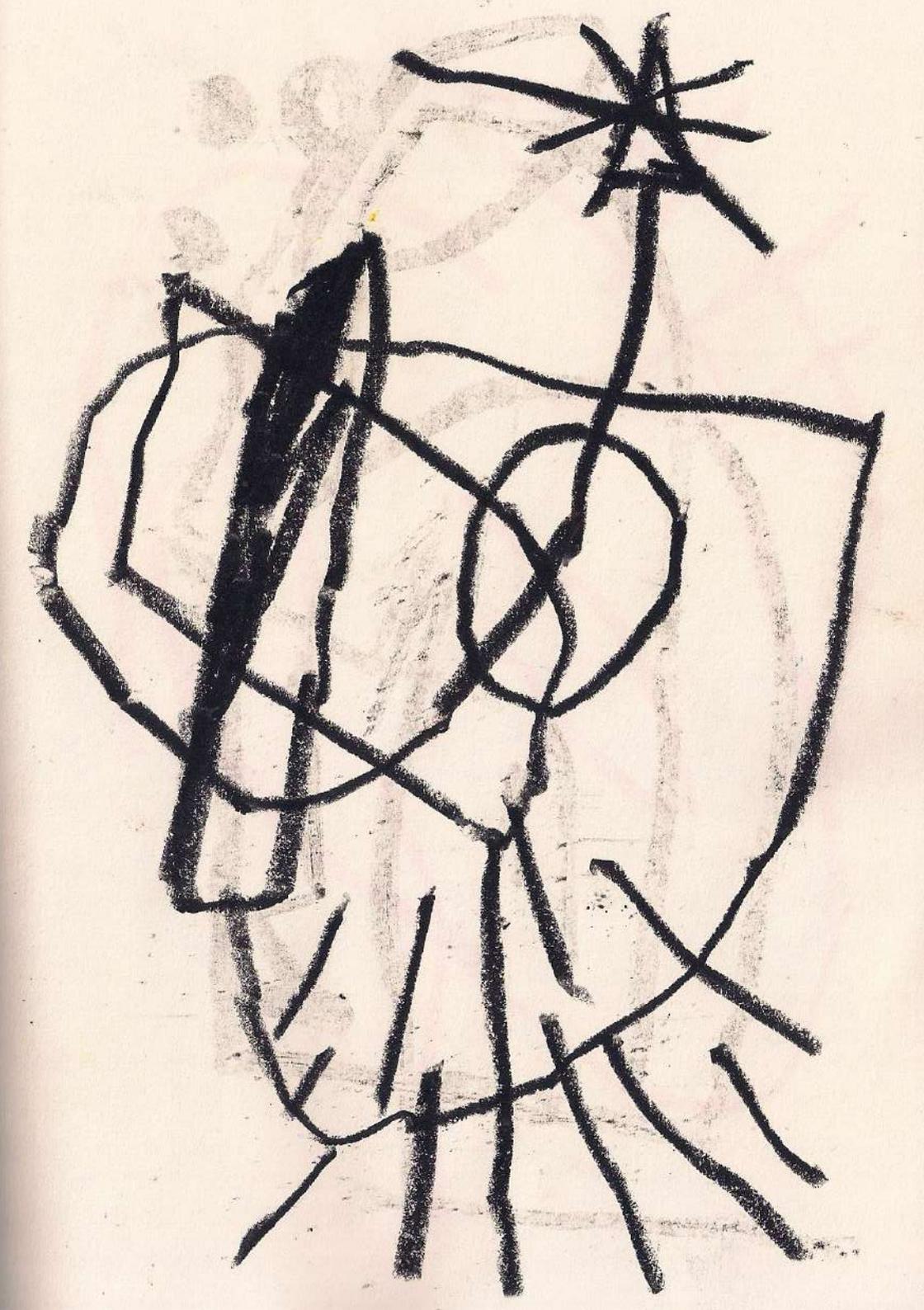


ABSTRAÇÃO ENQUANTO
POSSIBILIDADE DE ARTICULAR
O NÃO DIZER. RASTROS QUE
SE PERDEM, CORPO TERRITÓRIO
DE BATALHA MAS DE PASSEIO
E CALMA TAMBÉM.

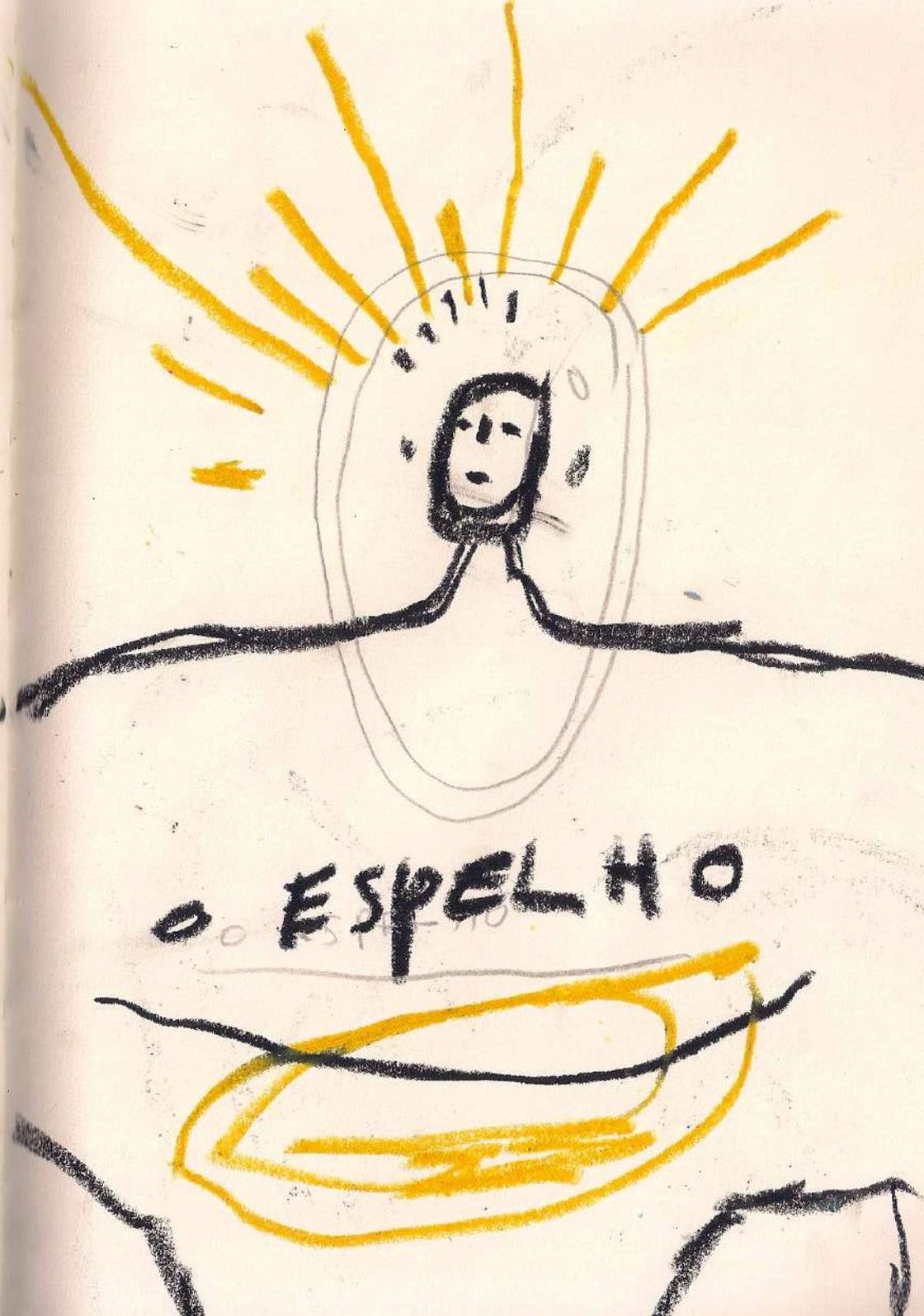


geste performance
desenho que é dança
more more more

SOLO QUIERO SENTIRME BIEN



autonomia *



Ainda é uma surpresa pra mim me aprofundar na palavra diante desse trabalho. Quando o iniciei, tinha pra mim a escrita enquanto uma linguagem mal explorada por mim. Por mais que esta tenha me acompanhado desde os tempos escolares, ainda sentia uma clara separação entre o que eu sabia fazer (desenhar, pintar) e o que realmente fazia (desenhar, pintar, escrever). Mas por quê mesmo assim seguia escrevendo?

Gloria Anzaldúa (1980) no texto *Falando em línguas: Cartas para mulheres escritoras do terceiro mundo* fala:

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 01, p. 232

(...) *Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome.*

Refliço que a escrita for tem o poder de criar memória, e consequentemente construir narrativas que perduram. As armadilhas tecnocratas que definem o que é a boa escrita erguem-se como barreiras que nos afastam do reconhecimento de nossas próprias potências enquanto indivíduos.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude N 1 Edições, p. 72.

No entanto, *relembremos as enguias, animais que durante a vida passam por ao menos cinco metamorfoses, e em cada uma dessas fases apresentam-se em novas formas biológicas, interconectadas e autônomas, ao passo que, em cada uma dessas fases/formas, sua vida passa a integrar outro grupo de espécie. Sim, a cada metamorfose existe um novo animal, e o que nomeamos enguia é um deles.*

Me aproprio da ilustração do reino animalia trazida por Castiel para abordar as diversas transmutações e atravessamentos em minha pesquisa. Percebo como denominador comum o caderno. Complemento ainda meu questionamento com uma dúvida de definição: estaria eu desenvolvendo neste trabalho mais um caderno-processo ou a intencionalidade e as dimensões plásticas já o fariam um livro de artista? Sobre o tema, Silveira complementa com a seguinte problemática:

SILVEIRA, P. Definições e indefinições do livro de artista. In: *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 31.

Aqui encontramos o inesperado ponto de indefinição de limites onde este trabalho tenta transitar. Ou seja, dentro do problema plástico que o uso com ou sem violação de um suporte tradicional suscita, existe um outro problema subjacente a ele que é a definição do que a coisa é.

Decido, inicialmente, deixar em aberto. Assim como em outras etapas, espero que a materialidade do artefato se apresente para mim. Sigo então para a primeira fase do processo: o agrupamento de referências. Minha ideia era construir um artefato que para além de suas características de caderno/livro de artista, tivesse como propriedade a catalogação e agrupamento dos estudos desenvolvidos por mim durante os últimos três anos.

Tomei como primeira referência o trabalho da artista carioca Tadaskia, *Ave Preta Mística Mystical Black Bird* além da identificação poética, me interesse pela forma que dentro de sua experimentação formal e material, ela utiliza o livro de artista como possibilidade de mesclar a gestualidade da escrita e desenho, onde o desejo por liberdade é expresso não só pela metáfora do pássaro, mas pela forma que o livro é composto por páginas avulsas, não encadernadas.



Ave Preta Mística (díptico).
Instalação
2022
bordado sobre tecido 100% algodão
Dimensões
60 x 60 cm
(cada)

A artista desenvolve sua pesquisa entre o desenho, a pintura, a performance e a instalação; diálogo com o trabalho dela não só no que tange um desejo por movimento expresso na variedade de técnicas que trabalha, mas também em sua poética, onde a sankofa, traduzida em imagem na figura de um pássaro, transmuta-se num processo constante de transformação e ressignificação de sua memória ancestral.

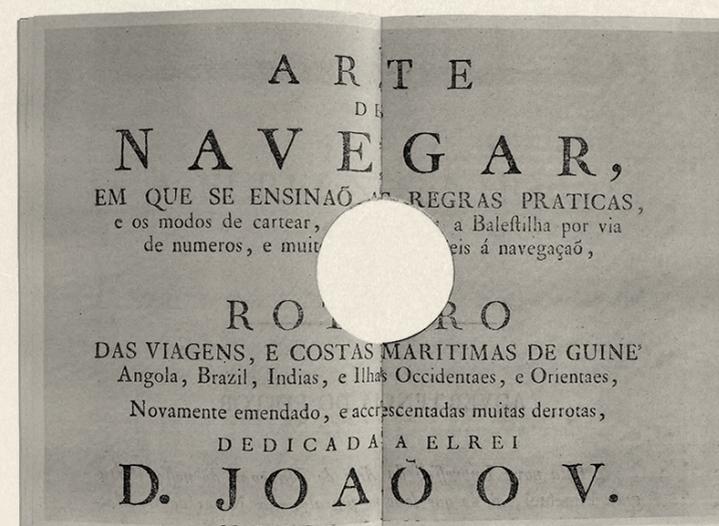
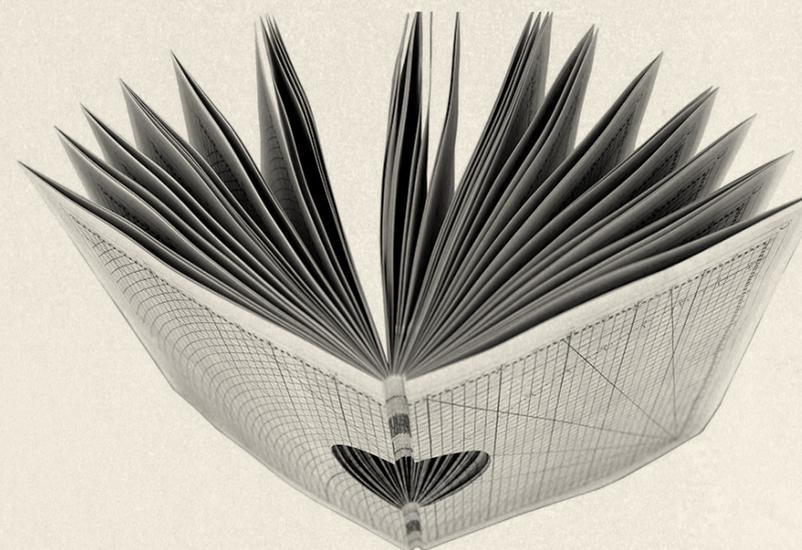
Ave Preta Mística (diptico). Disponível em: <<https://www.carbonogaleria.com.br/artistas/tadaskia/ave-preta-mistica-diptico-prod.html>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

A Ave preta mística é uma população negra reunida além do tempo-espaco conhecido. Livre interpretação de Sankofa, um pássaro preto olhando para trás com um ovo em seu bico. Mística, a ave preta se transforma, tal como na ampliação de seus voos, nos mostrando um desejo incansável de liberdade.

Segui coletando referências, contemplando diferentes formatos de publicação experimental. Dentre os critérios de análise, analisei os aspectos plásticos, poéticos, materiais e interativos dos artefatos. Para facilitar a organização das referências, criei uma pasta no Pinterest, que posteriormente mesclou-se com outras pesquisas.

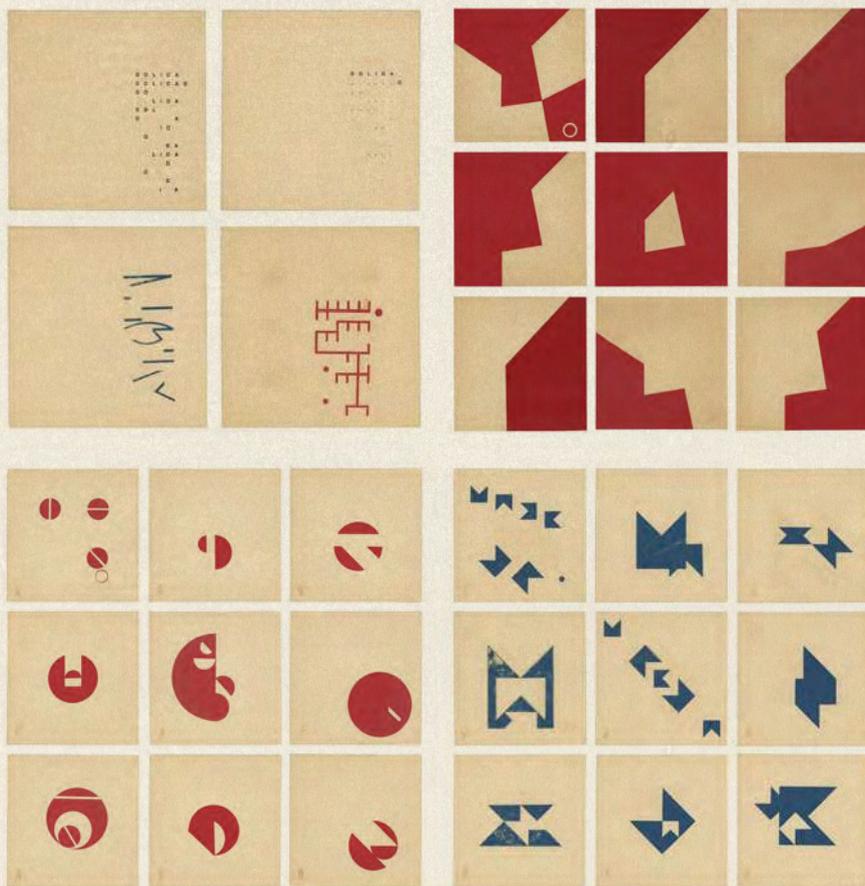


Moodboard com imagens retiradas do Pinterest



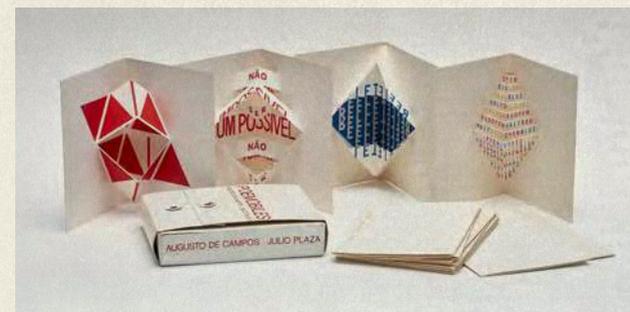
Lucia Loeb
Arte de navegar
São Paulo, edição da artista, 2018
136 p.
29,5 x 21cm

Disponível em <https://eba.ufmg.br/colecaolivrodeartista/?paged=3>



Wladimir Dias Pino
Sólida
Rio de Janeiro, edição do artista, 1962
50 fls
19 x 19 cm
Serigrafia, recorte e vinco sobre papel.

Disponível em <https://eba.ufmg.br/colecaolivrodeartista/?paged=4>



Augusto de Campos e Julio Plaza.
Poemóviles, 1974.
Impressão offset e perfuração em papel
Um livro composto por treze poemas desdobráveis e uma caixa de papelão
Total: 21,5 x 19 x 5 cm / Cada parte: 20,8 x 15,8 cm

Foto: Museo Reina Sofia.

Parti do primeiro agrupamento de imagens para explorar outras possibilidades de materialidade a partir do que já trabalhava. Nos exemplos acima, me chamou atenção o jogo com material de arquivo, como no caso do trabalho *Arte de Navegar*, de Lucia Loeb; Me interessei também pelo recorte circular central presente no trabalho da artista.

Já no trabalho de Wladimir Dias Pino, me interessou a relação entre palavra e abstração, além do uso da serigrafia como técnica de impressão. A composição das páginas em formato quadrado parece também sugerir uma dinamicidade e possibilidade de interação com as peças.

Em *Poémobiles*, de Augusto de Campos e Júlio Plaza, me interessei também pela dinamicidade do material e mais uma vez pela interação entre engenharia de papel - palavra- imagem. Ainda buscando diálogos entre a experimentação gráfica e o formato editorial, lembrei do trabalho de Neta Bomani*, que se define como uma abolicionista, aprendiz e educadora interessada na relação entre computadores humanos e não-humanos.

Em seu trabalho, mescla arquivos analógicos, digitais, práticas orais, gravuras, engenharia de papel, fanzine e programação e atualmente atua como professora no Departamento de Artes Colaborativas da New York University. Neta também é codiretora da Escola de Computação Poética.

Conheci o trabalho de Neta via instagram, inicialmente. Lá, seu conteúdo principal era a postagem de fanzines dos mais variados tipos: mesclas de papel e programação de LED, projetos editoriais em formato de anel, cortes diferenciados e um extenso trabalho de engenharia e experimentação com papel.

BOMANI, Neta.
Dark matter
objects: Technologies of capture
and things that
can't be held.
Disponível em:
<<https://vimeo.com/548073590>>.
Acesso em: 2
maio. 2023.

Nos temas, Bomani resgata narrativas negras de frentes de atuação diversas, enquanto questiona as definições de memória e tecnologia na modernidade, destacando o apagamento de tecnologias ancestrais, como a oralidade e a manualidade, as colocando não num espaço de antagonismo, mas de complementaridade.

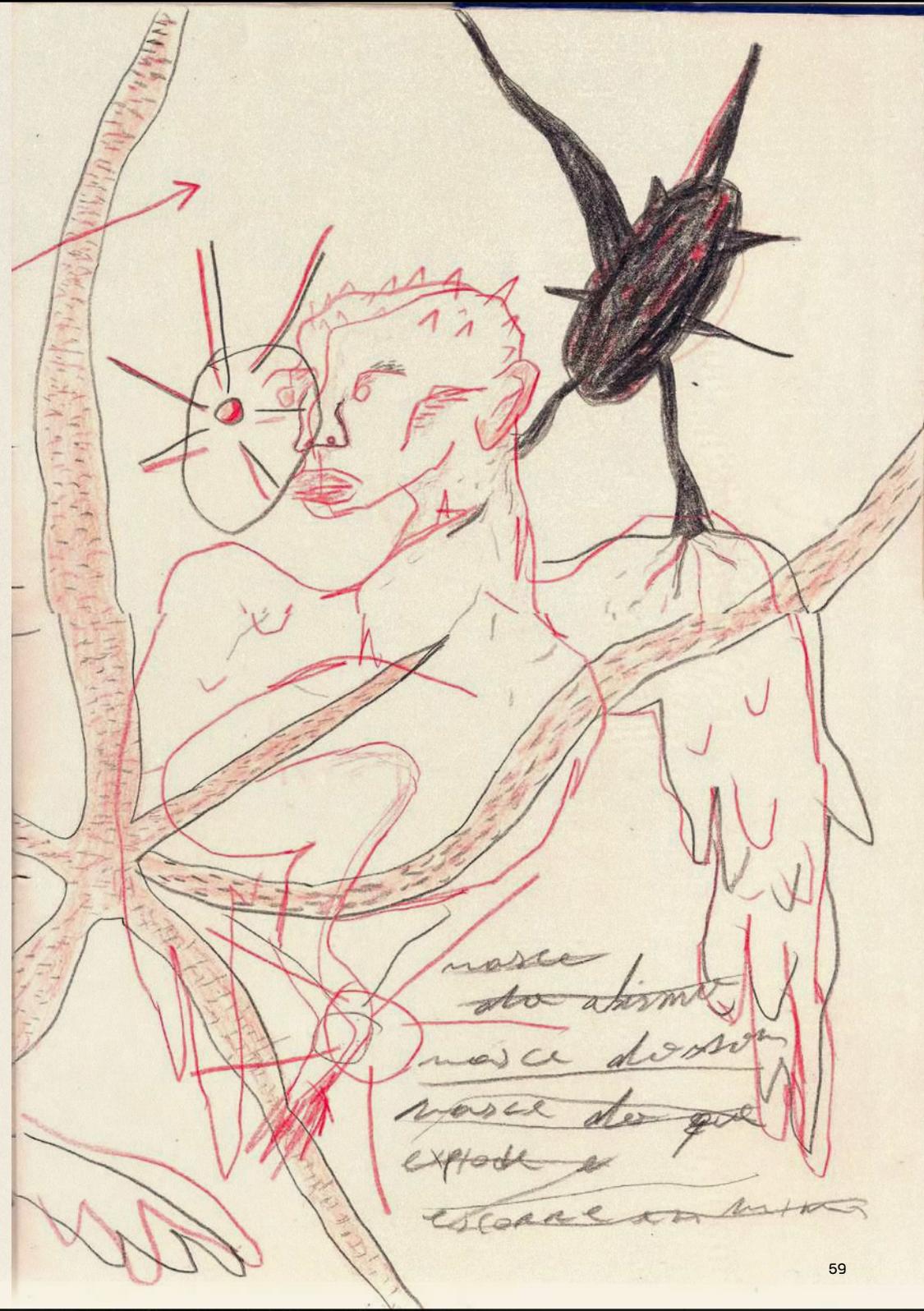
*Technology transforms its languages; poetry invents its tongues.
What it takes to master language won't be found in any book.*

Saliento o trabalho *Dark matter objects: Technologies of capture and things that can't be held (em tradução livre, Objetos de matéria negra: Tecnologias de captura e coisas que escapam)*. Assim como outros, o trabalho parte de um espaço coletivo e multidisciplinar para explorar coreografias rebeldes, onde a experimentação gráfica mescla-se com metodologias de aprendizado e ensino, programação e videoperformance. Reflito sobre as encruzilhadas onde pretendo situar meu próprio trabalho. Penso nas possibilidades de transmutação e diluição de fronteiras geográficas, formais e poéticas a partir do desenvolvimento de um espaço de experimentação coletiva.

*Disponível em: <<https://www.eyebem.org/residents/neta-bomani/>>.
Acesso em: 26 abr. 2023.



Neta's web archive.
Disponível em: <<https://netabomani.com/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.



Mesmo que de forma espaçada, penso que meu processo de criação já passa por uma experiência de coletividade. Iniciei minhas experiências com artes ainda em feiras de publicação independente, seguindo para espaços de experimentação em gravura já citados no texto.

Em meus últimos meses morando em Recife, ainda vivenciei o Ateliê Escadaria, um dos ateliês que compunham o Edf. Douro, localizado no centro da cidade. Para além de um espaço de trabalho, a Escadaria também tornou-se um espaço de convivência e troca, tanto entre os artistas residentes quanto os visitantes que também consideravam ali um espaço de aprendizado. Os residentes eram muitos e sempre se atualizavam: Rayana Rayo, Amori, Dani Guerra e eu fomos os primeiros a frequentar os espaço. Das técnicas predominantes, o desenho, a pintura, gravura e escultura eram as principais. Posteriormente, Lu Ferreira, Geo, Xinga Xow, Ossy e Eduardo Nóbrega passaram a integrar o espaço.

Apesar das semelhanças materiais, as gestualidades e poéticas de cada um do ateliê era extremamente diversa. As trocas, que se davam dentro e fora da sala, sugeriam um espaço de constante curiosidade sobre as tantas subjetividades ali presentes.

Ao sair do ateliê e me mudar para São Paulo, segui mantendo contato com o processo de outros amigos artistas, mesmo que eu estivesse produzindo muito pouco. Mais que antes, agora as relações com amigos de Recife se davam a partir da virtualidade ou de visitas constantes de amigos, mas também a possibilidade de troca física com pessoas não só do Sudeste, mas do Brasil todo se tornavam reais.

Nesses deslocamentos, conheci pessoalmente Kaéterine Terra, amiga virtual de longa data também interessada em processos de experimentação gráfica, arte-educação, performance e processos coletivos. Num dia de praia no Rio de Janeiro, conversamos sobre temas diversos, mas me chamou atenção sua relação também muito íntima com seu caderno. Pude analisar o artefato com

curiosidade, comparando sempre com meu próprio processo de armazenamento e anotação. Tempos depois, já de volta a São Paulo, descobri que Kaéterine estava trabalhando também com encadernação. Como forma de alastrar a rede de amigos que já trabalharam comigo na experimentação, convidei Kaete para apresentar minhas referências e assim iniciar um processo de imaginação do que viria a ser o livro-processo.



Kaéterine com um dos cadernos-processo que utilizei no Rio de Janeiro.

Formas de voar



The place in which I'll fit will not exist
until I make it.

James Baldwin



Meu primeiro encontro com Kaéterine aconteceu ainda nas últimas semanas de Fevereiro. Eu estava em Recife e ela no Rio de Janeiro. Nos conhecemos há aproximadamente 7 anos, mas apenas recentemente tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente.

Primeira chamada com Kaéterine. Ela havia acabado de sair de uma aula de produção cultural, e eu estava na praia de Enseada dos Corais (PE)



Serigrafias reveladas pela FudidaSilk; Disponíveis no instagram @fudidasilk

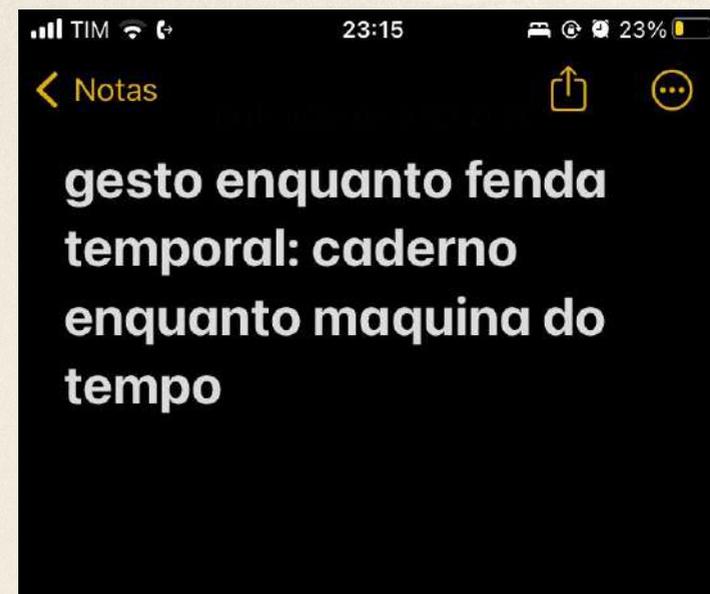
Kaéterine faz parte do coletivo Fudida Silk, que em suas palavras, trata-se de uma cooperativa de serigrafia formada por mulheres trans/travestis que utilizam a arte e a moda como formas de capitalizar independente do CISTema. O ateliê localiza-se no Espaço Travessia, dentro do Instituto Nise da Silveira no Rio de Janeiro/RJ.



Na primeira chamada, conversamos sobre nossa rotina e aproveitamos para discutir as referências que agrupei. Nas imagens, sketchbooks, fanzines e diversos modelos de publicação de artista. Diferente de mim, Kaéterine fez o percurso de graduar-se em artes visuais; nos encontramos pelo interesse na experimentação gráfica enquanto ela para outras linguagens artísticas que dialogam com nosso trabalho. Conversamos sobre como o espaço de incertezas e precariedades é violento mas também um terreno frutífero para possibilidades de criação.

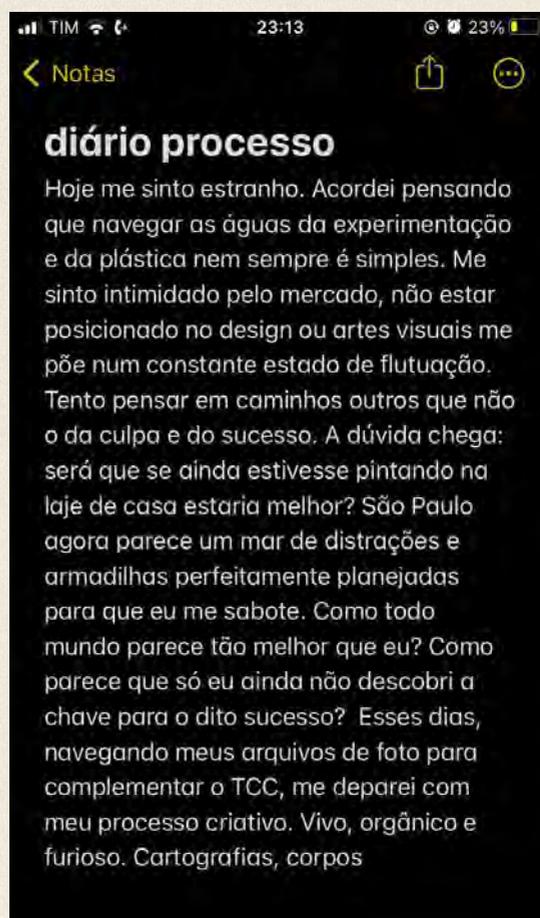
No intervalo de alguns dias, segui pesquisando meus referenciais teóricos e preparando meu memorial descritivo, enquanto Kaéterine meditava acerca das possibilidades de produção do artefato. Durante esse tempo, seguimos trocando mensagens via whatsapp, nos inserindo pouco a pouco na rotina um do outro.

Em paralelo, seguia escrevendo e desenhando em meus diários de processo, fossem eles os cadernos ou até mesmo o bloco de notas do celular. Ao conversar com Isabella, fui convidado a experimentar uma escrita livre, baseada no compartilhamento de pensamentos cotidianos.



Voltamos a nos conectar via chamada de vídeo mais uma vez. Com as ideias mais amadurecidas, decidimos que o artefato teria encadernação em capa dura, e eu seria responsável por enviar alguns papéis a Kaéterine contendo partes do meu processo criativo dos três últimos anos. Desenhos, gravuras, trechos de poema, folhas de papel pólen e outras páginas nas cores marfim e lilás. Os papéis foram transportados via Correios de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde Kaéterine. Em adição, ela adicionaria papéis derivados das compras de velas, incensos e cristais, papéis que ela ganhou de presente de amigos ou até mesmo que já utilizava em seus cadernos.

Como forma de possibilitar uma maior fluidez em minha escrita, utilizei o bloco de notas como um espaço de escrita rápida, sem edições.



Em paralelo, utilizamos as chamadas como um espaço de quebra de fronteira geográfica. Reflito sobre minha poética onde pensar cartografias impossíveis já se fazia presente. Percebo a potência de inventar territórios seguros e compartilhados; mais uma vez retorno à jornada de Lauren Olamina. A jornada da personagem só foi possível pela vulnerabilidade e partilha de conhecimentos, mesmo num território de conflitos. Aprendo a cada chamada um pouco mais de Kaéterine.

Em uma das chamadas, ela me conta sobre uma performance que iria realizar em alguns dias. O ato consistia numa abertura de ateliê, onde a artista pretendia construir um espaço seguro e confortável para que pudesse dormir e sonhar. Dos vários usos que Kaéterine dá aos seus cadernos, um deles é a escrita de sonhos;

Também conversamos sobre como os sonhos impactaram o fazer e o pensar sobre a função desse caderno. Assim como Kaéterine projetou um espaço seguro para si e para as que foram assistir sua performance, pensei no livro-objeto enquanto um espaço de afetação mútua; os gestos compartilhados ali impressos, falam não somente da nossa relação de amizade, mas me remetem à uma abertura de portal e transporte para sensações e memórias compartilhadas e dispostas numa geografia própria.

Conversa com Kaéterine enquanto construíamos o conteúdo das cadernetas.



PEREIRA, Nilton Mullet. UNIVERSIDADE, J. DA. Professoras de História aprendendo com Ailton Krenak -. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/professoras-de-historia-aprendendo-com-ailton-krenak/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

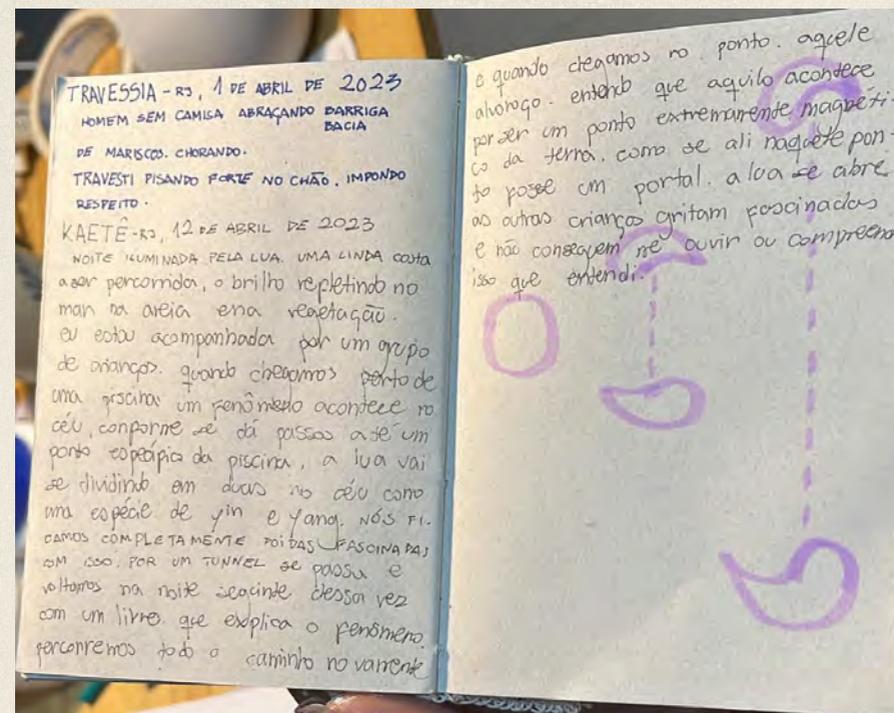
O sonho é como o tempo. Não o tempo calculado, medido, marcado, representado, narrativizado. Mas o tempo multiplicidade, o tempo-força, o tempo-potência, o tempo-possibilidades. O sonho, como pensa Krenak, não consiste em “experiência cotidiana de dormir e sonhar”. Ele nos mostra como sonhar é um exercício em que se buscam “orientações para o dia a dia”. Ou seja, o sonho é um campo aberto e infinito de possibilidades. É quando o presente encontra o passado e o futuro, formando uma só e absoluta memória, de onde escorrem e duram potências puras de vida;

Pensando nisso, conversamos sobre a possibilidade de extrapolar a estrutura do livro. Optamos por criar brechas nas folhas, brincar com transparências de espaços preenchidos e vazios, colar folhas que saltavam das páginas ou algumas que funcionam como abas que escondiam ou revelavam parte da imagem.

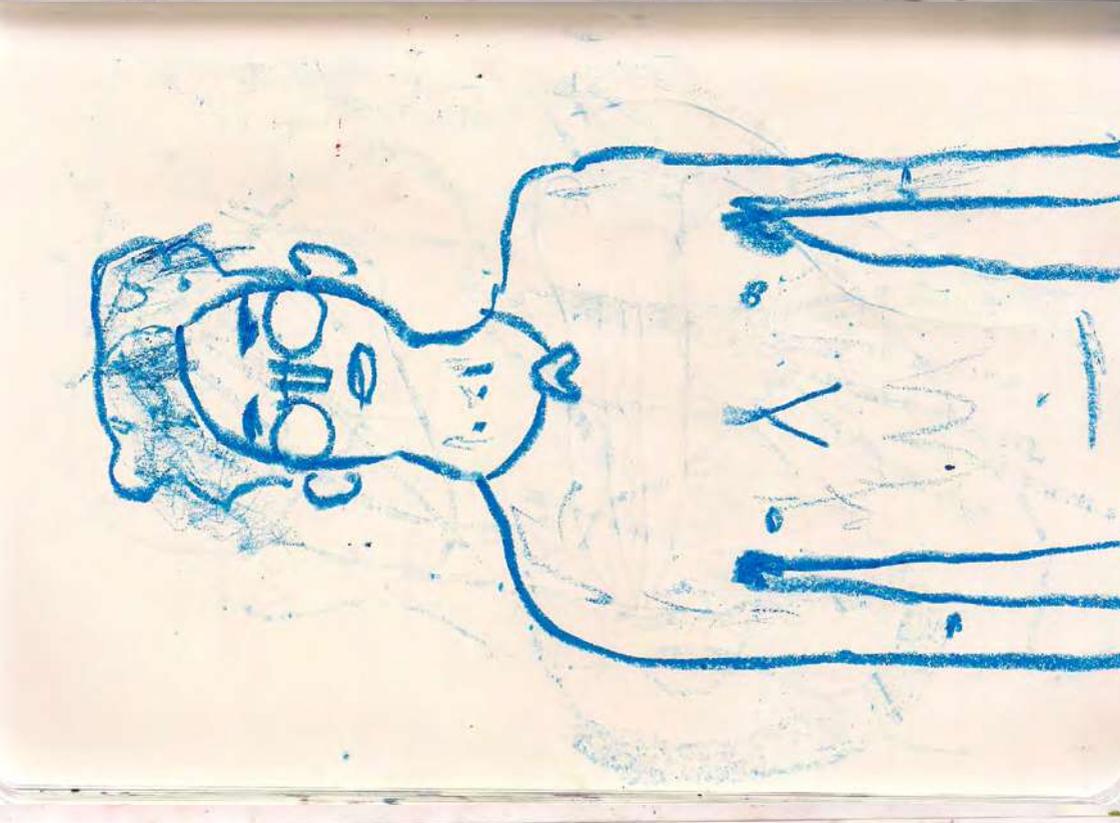
Passo a refletir mais uma vez sobre a nomenclatura de definição do artefato. Nomeá-lo livro-processo torna-se uma possibilidade interessante para mim. Reflito sobre a possibilidade de chegar num nome que contemple as transformações e ações contínuas que aconteceram e ainda aconteceram no dispositivo. Mas também me sinto confortável para navegar nas possibilidades de definição, Me pergunto que movimentos outros serão gestados a partir do artefato? Quais interações e possibilidades de manipulação acontecerão quando ele chegar em outras pessoas?

Trecho de conversa com Kaéterine

O sonho é o lugar onde podemos nos encontrar com aquilo que não existe ainda, mas que é possível construir



Página de caderno de sonhos de Kaéterine



Em paralelo, sigo utilizando outros cadernos, principalmente o que foi apresentado no início do memorial. Utilizo o pastel oleoso, principalmente. Em alguns momentos, faço também também desenhos em lápis grafite ou nanquim.

As formas vagarosamente flutuam entre traços mais contidos e monocromáticos, nascidas da urgência do gesto e composições de cores e formas que se empilham, acumulam e atravessam, tomando conta de todo papel.

Costumo deixar um caderno sempre perto de mim. Tenho uma pilha de cadernos em minha escrivaninha, no processo de revisitar os trabalhos em busca de inspiração ou para seguir a pesquisa, também acabo preenchendo outros. Além das formas, escrevo ou retorno à frases escritas anteriormente.

As imagens também suscitam, para mim, ambientes onde os sentidos se mesclam. Costumo pensar nessas formas a partir de outros sentidos que não necessariamente partem da visão. A música, por exemplo, torna-se um dispositivo não só de estímulo para desenhar, mas uma possibilidade de imaginar a visualização de sons e melodias que percorrem meu pensamento.



Aos poucos, me vi cada vez menos autor do projeto; isso me agradava. O território que ali percorremos agora era um espaço fronteiro de encontro. Motivados pela criação, estávamos, aos poucos, agenciando um espaço de quebra de fronteira geográfica. Os bolsos, janelas, páginas dobradas e composições de imagens diferentes agora traziam a dualidade da escuridão e do brilho; sabia que o que saltava à superfície ainda não era capaz de trazer a potência de cada um dos encontros que formaram aquele objeto. Retornei em memória aos almoços que tive no ateliê da Cômica Serigrafia e da Propágulo.

Enfim chegamos ao momento de encadernação. Partimos da costura de tipo Copta para compor 5 livretos que futuramente se tornaram um só material. Metodologicamente, seguimos os seguintes passos:

- Análise de similares
- Estudo e anotações em cadernos
- Seleção de imagens/papéis
- Envio para Kaetéline (Correios)
- Recorte dos papéis em formato A4
- Seleção e composição de narrativas
- Encadernação

Para a capa, optamos por usar um tecido de algodão preparado em gesso acrílico, para acabamento semelhante à uma tela de pintura. Futuramente, Kaetéline decidiu também adicionar marca-páginas com pedras em pingente; foram elas: olho de tigre, ametista, amazonita, sodalita e unakita. Para além do valor estético, pensamos nas pedras como facilitadores na navegação dos livretos, além de suas propriedades protetoras.

Após aproximadamente duas semanas de processo de seleção, corte e costura do caderno, ele retornava pra mim agora pelo caminho inverso: Rio > São Paulo. Recebi, junto ao objeto, uma carta de Kaetéline narrando um pouco de sua experiência de trabalho.

Doce Precioso Amado Navegador. Subtil. Sincero. Terno. Família.
podia lhe escrever nas nossas cyberconversas, mas prefiro
aproveitar o trânsito material para me comunicar contigo.

gotas de chuvas caíram
do céu enquanto escrevia
nessa papel

"reply to you"

durante o processo de feitura desse caderno, muito
aprendi de mim e de ti. de caderno e de vida. nunca havia
feito capa dura, elas me abriram portais como cada
folhear das páginas. proteger nossa vulnerabilidade, nossos
miolos, nossos conteúdos para que sejam acessados e não
destruídos, para que preservem nossas memórias no
tempo. no espaço. cada universo de viscos, transparências
e voos. as moléculas em seus núcleos microscópicos possuem
membranas ulteriores a cuidadosa e atenta penetração.
costurando caminhos ~ voos ~ singelos abraços de celulose.
encontros que espelham contum de mim e simultanea-
mente contum de ti. fitas marcam cada camada.
sintonizam sentimentos. trânsitos marcados. leves e
levados. mergulhe em cada centímetro de nossa ponte
fragilidade em nossos profundos aprendizados nas opan-
tadas ameaças.

carinho gigante por ti
grata pela grande confiança
amor ~ desejo ~ aventuras
brincadeiras sérias

de sua amiga, irmã, companheira Kaetéline







Gosto de pensar nessas formas como diagramas de voo, cartografias tortas de espaços em constante transformação; paisagens-acontecimento. Muitas dessas formas vão se tornando telas de pintura com o tempo. Memorizo algumas das coordenadas que visualizo e espero o momento certo para que elas ganhem corpo em outras técnicas.

Tenho feito movimentos espiralados em torno de minhas produções. Investigo, escavo, repito frases como feitiços. Percebo que muito do que escrevo vem do desejo de manifestar coragem. Retorno ao caderno que levei para minha viagem de ano novo; ele está preenchido pela metade. Levei esse caderno para diversas praias do Litoral Norte de São Paulo ainda em Janeiro. Depois disso, viajei com ele para o Rio de Janeiro. É um caderno de férias, onde tive tempo para finalmente refletir sobre minhas mudanças desde Janeiro de 2022, quando saí da casa dos meus pais.

Meu primeiro contato com o livro-processo veio em descobrir as texturas que só conhecia virtualmente. Tatear e manipular o objeto, descobrir suas fendas e tocas de segredo. Foi interessante ler a disposição das imagens de forma não linear, desenhos cortados e intercalados por trabalhos de épocas distintas. Existia também o receio do porvir; medo e ansiedade para preencher as lacunas entre as composições de papéis e tecidos que já estavam gravadas.

Em paralelo, ainda utilizava o caderno preto, que coincidentemente também no Rio de Janeiro, para desenhar e escrever mais livremente.

Retornei a ele diversas vezes durante o processo, tanto para recuperar formas e composições cromáticas quanto para recuperar também textos que estavam ali. Ao mesmo tempo que pretendia alimentar o livro-processo inspirado em trabalhos passados, me sentia convidado a intervir no próprio caderno que seria meu ponto de retorno. Mais uma vez as temporalidades gestuais se fundiam.

Decidi iniciar o caderno no Parque da Água Branca, locali-

zado próximo à minha casa, na Barra Funda. Era feriado de Tiradentes, convidei meus amigos Jonas e Samara para pedalar. Pensei que estando fora de casa e acompanhado de amigos seria mais fácil visualizar o objeto como algo passível de manipulação. Além disso, parecia uma boa ideia preencher o livro-objeto de vida num espaço dinâmico e cercado de outros seres não-humanos.

A parte interna da capa do livro foi forrada com a carta Temperança, serigrafia do coletivo Fudida Silk no qual Kaéte faz parte. A carta narra a combinação entre “as coisas do Céu e da Terra”, o equilíbrio e balanço das coisas através da imagem de uma figura alada. Conecto a carta com o Voo Opaco, trabalho de 2021, onde dialogo com símbolo da Sankofa, provérbio na língua Acã que diz *Se wo were fi na wosankofa a yenkyi*, que pode ser traduzido como: *Você pode voltar atrás e buscar aquilo que esqueceu ou Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás.*

CARVALHO,
Ivanildo: PARA
O ALTO COM
SANKOFA!
Matéria
publicada em
05.12.2022
<https://chc.org.br/artigo/para-o-alto-com-sankofa/>





Rascunho então dois pássaros também olhando em direções diferentes, mas completando-se através de um movimento circular.

Segui mentalizando alguns gestos e imagens já familiares a mim. Em algum momento, ofereci uma página para Samara desenhar e ela optou por fazer um retrato meu; mais tarde, decidi também fazer um autorretrato.

Segui utilizando principalmente o pastel-oleoso. Além dele, comprei algumas folhas de papel carbono para complementar as que já estavam encadernadas. Para complementar, também utilizei lápis grafite.

No dia seguinte, retornei ao caderno. Dessa vez, comecei por simular no desenho uma pintura que fiz em 2020, ainda em quarentena. Corpo-abismo. Pude refletir sobre os aspectos do trabalho que me remetiam à elementos minerais que observava em meu corpo. As cores das folhas e a disponibilidade de espaço não preenchido me auxiliaram na decisão do que preencher. Mais uma vez não me sentia dono do processo, mas um colaborador de mim mesmo.

Aproveito para tatear o caderno: para além do aspecto visual, percebo a dinamicidade presente em descobrir os segredos da encadernação proposta por Kaéterine. Reflito sobre a dimensão performática presente nas proposições de interação com o artefato.

A dimensão gestual atravessa não só a linguagem do desenho, pintura e escrita, mas agora está impressa também nos cortes e brechas do livro.

Também me chama atenção, ao manipular o objeto, as diferentes texturas que surgem. Além do papel, outros materiais acrescentados por Kaéterine foram acrescentados. Destaco um tecido dourado e telado que parece velar um poema que escrevi, enquanto também protege uma serigrafia composta por tons de dourado.

Noto também uma facilidade maior em alimentar, em paralelo, outros cadernos que não o livro-objeto. Apesar da ansiedade de explorá-lo, percebo também a rigidez de corpo que acompanha a exploração de um artefato com tantas possibilidades de uso.

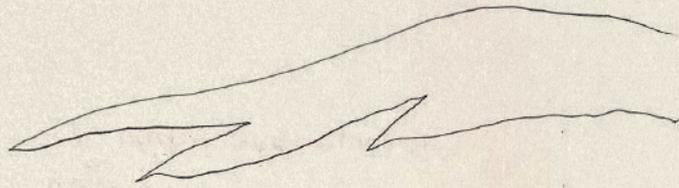
Pelo tempo curto com o caderno e as datas limite de entrega do memorial, optei por finalizar minha escrita sobre o livro-processo ainda em andamento. Acredito que até o dia da apresentação de trabalho ele esteja completamente mudado. Considerei pintar logo a capa do livro, mas compreendi que essa etapa poderia esperar a finalização do conteúdo, como forma de ouvir melhor o que a combinação gestual e textual tinham a me dizer.

Convidei meu amigo e também companheiro de casa, Jonas Araújo, para organizar um material audiovisual do livro. A intenção era de possibilitar uma documentação da etapa atual do processo, não só a partir da fotografia, mas também do vídeo.

Fizemos as imagens na área externa de casa, utilizando uma câmera digital apoiada num tripé. Penso nos registros como uma nova possibilidade de expansão do trabalho, não só pela nova mídia, mas também por novos integrantes do processo. Junto a Jonas, convoco Fabio, que se voluntariou para editar um vídeo em formato stopmotion.



Na imagem, Jonas fotografando o livro-objeto.



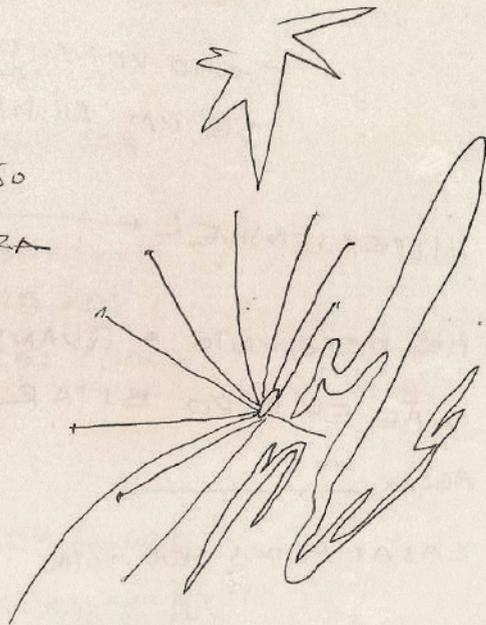
SONHO MATÉRIO

PORTAL - SONHO

PORTAL - LUZ

PORTAL - DESCANSO

PORTAL - AVENTURA

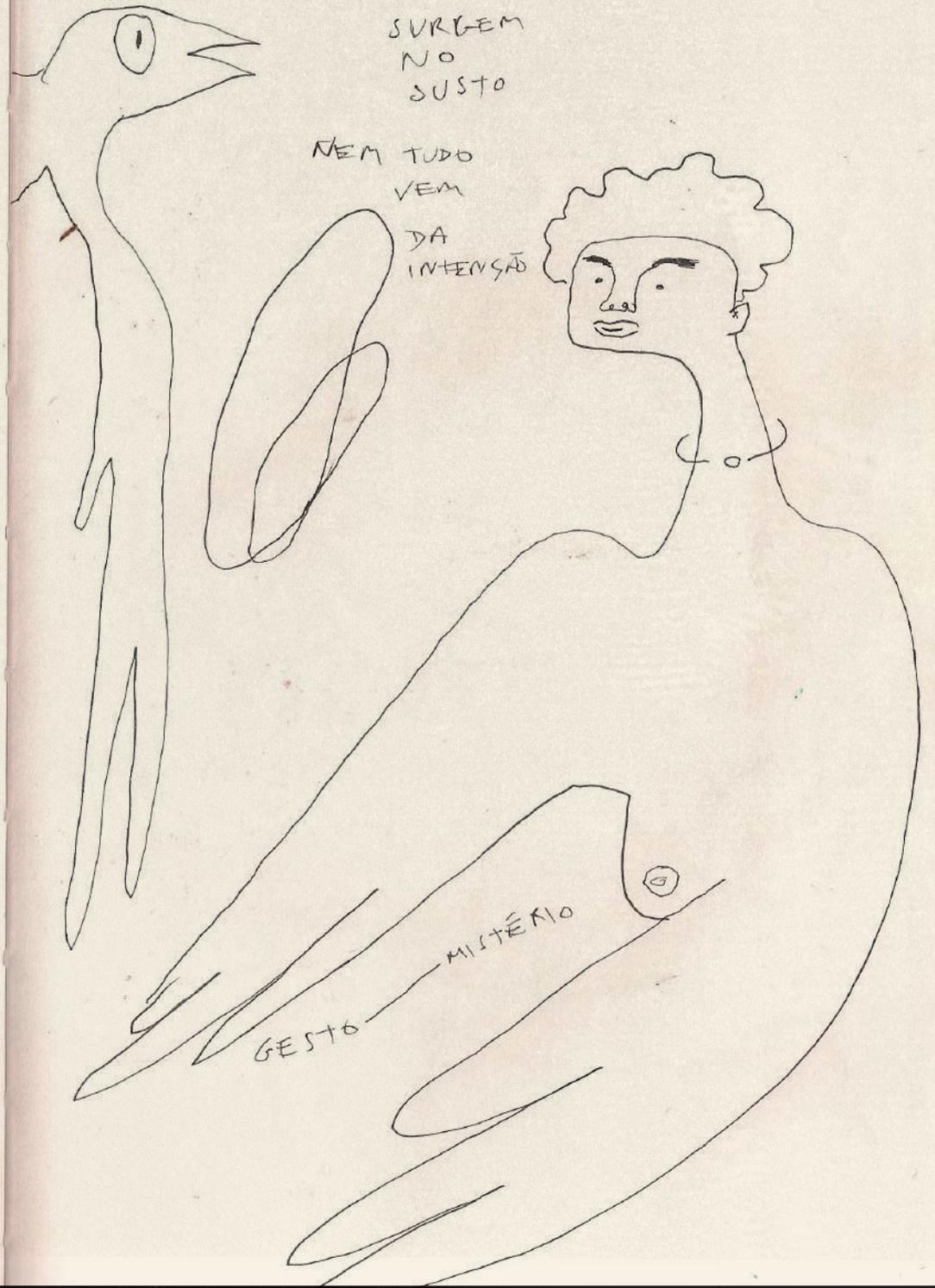


SALTO
NO
ESCURO

QUELO CIEGO
TERRITÓRIO OPACO
ZONAS DE LUZ
DENTRO DE MIM
SABER QUE SOU
~~TERRA, FOGO, AGUA~~
~~EAR~~
SOU TERRE MOTO

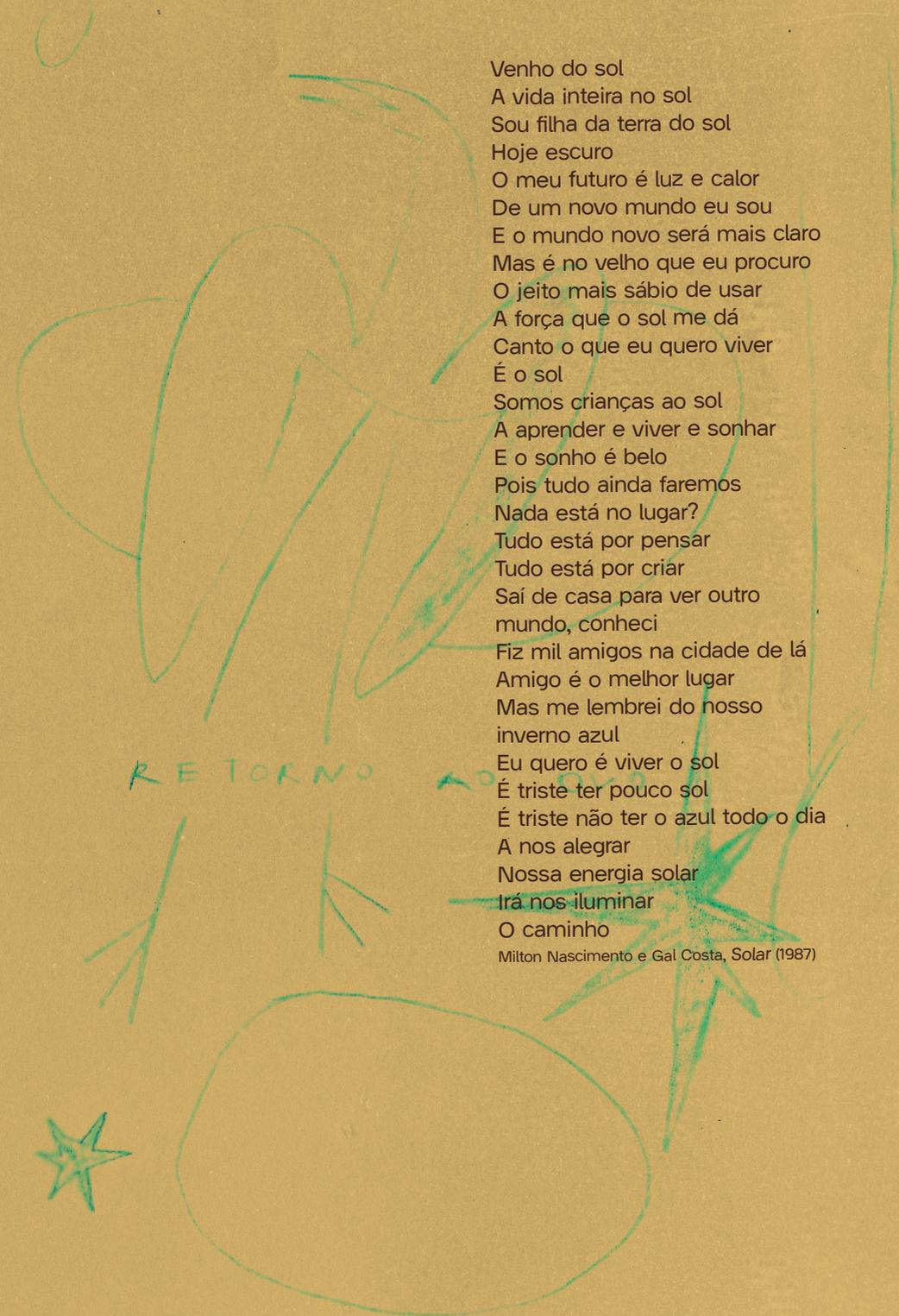
ENCANTOS
SURTEM
NO
SUSTO

NEM TUDO
VEM
DA
INTENSÃO



GESTO
MISTÉRIO

gosto de sol



Venho do sol
A vida inteira no sol
Sou filha da terra do sol
Hoje escuro
O meu futuro é luz e calor
De um novo mundo eu sou
E o mundo novo será mais claro
Mas é no velho que eu procuro
O jeito mais sábio de usar
A força que o sol me dá
Canto o que eu quero viver
É o sol
Somos crianças ao sol
A aprender e viver e sonhar
E o sonho é belo
Pois tudo ainda faremos
Nada está no lugar?
Tudo está por pensar
Tudo está por criar
Saí de casa para ver outro
mundo, conheci
Fiz mil amigos na cidade de lá
Amigo é o melhor lugar
Mas me lembrei do nosso
inverno azul
Eu quero é viver o sol
É triste ter pouco sol
É triste não ter o azul todo o dia
A nos alegrar
Nossa energia solar
Irá nos iluminar
O caminho

Milton Nascimento e Gal Costa, Solar (1987)

PE DRAS QUE ABRACAM PÉS/
TEXTURAS ÚMIDAS E FROZAS
MAIS SÓLIDAS QUE A MARÉ
PINTAR O MAR, A COLISÃO DAS
ONDAS SOBRE NÓS/ COMO
NA NOITE VIRAMOS BICHO
PERSEGUINDO UNS AOS OUTROS
PINTAR A FORÇA DO VENTO
E A FORMA QUE A PEDRA
QUEIMOU NOSSOS PÉS/ PINTAR
TODO SEGREDO QUE É COMPARTILHADO
EM SILÊNCIO E TODOS OS TORQUES
QUE MANIFESTAM VIDA/ PINTAR
TUDO QUE ESCORRE, SE DESLOCA
MOVIMENTA E SE ENCANTA

03/23



Retorno ao meu voo Recife > São Paulo. Depois de um mês na cidade que chamei de casa por 25 anos, retorno ao meu novo lar. No avião, ouvindo o Clube da Esquina de Milton Nascimento e Lô Borges, retorno aos últimos dias de praia com minhas amigas.

Rabisco no bloco de notas imagens que gostaria de pintar. Apesar de não ter desenhado tanto nesse período, levei uma câmera analógica, presente de Fabio, para registrar o carnaval e o resto da viagem.

Nascimento, Milton. Cais. Universal Music Ltda., 1972. *Invento o mar*
Invento em mim o sonhador

Apesar da nostalgia, também me sinto bem e preparado para estar em São Paulo. A reunião sobre a formulação do livro objeto havia sido há poucos dias atrás, estava animado com a possibilidade de finalmente concluir o curso.

Torno a pensar a memória enquanto força motriz. Penso na memória muscular, na memória gestual e subjetiva que modulamos ao longo da vida. Penso na memória ancestral e também seus abismos, rasgos e buracos. Penso no exercício de construir novas memórias, no desafio de contar aqui meus processos de experimentação, não só com imagem, mas com escrita e metodologia de processo. Memórias ordinárias das pequenas pessoas.

Quando iniciei este trabalho, imaginei que narraria minhas experiências com desenho e gravura. Não esperava, por exemplo, imergir tanto na palavra enquanto elemento fundamental ao meu processo. Aos poucos, vi em mim uma voz presa, pensamentos gestados pela metade que precisavam vir à superfície inconclusos como estavam.

Reflito sobre o caráter pedagógico presente na construção do livro-processo. Durante o tempo em que estive produzindo, este é o momento mais longo em que estive focado em produzir conhecimento sobre minha pesquisa, interligando-a com sujeitos, elementos e amigos que sempre orbitaram meus interesses e universo criativo.

Fotos tiradas por mim no carnaval de 2023 numa KODAK 500T.

Na primeira imagem, Gugo em primeiro plano, enquanto Heitor e Luis Felipe se abraçam. Na segunda, o estandarte do bloco Elefante de Olinda.



Compreendo o livro enquanto dispositivo interativo, desde sua pré-produção. O artefato só existe da forma que ele é por todos seus atravessamentos e memórias ali vividas, não só por mim mas também por Kaéterine, que deixa de ser apenas uma colaboradora para intervir diretamente nas memórias em que confiei a ela.

Penso também nas narrativas posteriores a nós. Que segredos serão revelados ao manipular o caderno? Que outras digitais, outros desgastes, outros movimentos não coreografados surgirão dali?

Aproveito para destacar também a dimensão performática nas três etapas do processo narrado: penso na seleção dos papéis e na gestualidade impressa neles enquanto um espaço de impressão corpórea.

A encadernação aqui, também torna-se ferramenta para uma intervenção pessoal nesses arquivos, que agora modulam-se de forma espiralar entre três temporalidades.

Finalmente, o contato posterior. A devolutiva que retorna para mim, que agora gravo por cima do que já estava gravado e devolvo para o mundo. Desse movimento, nasce o convite para troca.

Compreendo então que meu processo de autoficção parte da coletividade para existir. Penso nas possibilidades de expansão dessa prática. Quais seriam os resultados, por exemplo, de um livro de artista criado a partir das memórias e práticas artísticas de um grupo multidisciplinar de pessoas? Que outras linguagens não comportadas pela materialidade do papel e da escrita surgiriam?

Trago mais uma vez minha reflexão sobre a videoarte como uma possibilidade, inclusive, de interação entre computadores humanos e não-humanos, de possibilidades de passeio entre tecnologias analógicas e digitais, como posto por Bomani.

Ainda penso, dentro desse processo, o caderno enquanto ferramenta de navegação e possibilidade de retorno. Um

guia de bordo para um corpo em constante exploração.

Concluo que o dispositivo desenvolvido para este trabalho de conclusão de curso, portanto, é apenas parte de um processo maior de construção de percursos imaginativos pautados muitas vezes na incerteza.

Ao iniciar meu processo, acuado com as barreiras tecnocratas que compõem a academia, não me permitia imergir suficientemente para explorar além do que já estava posto. Agora me sinto curioso para tatear o mundo e sentir suas texturas, explorar, distorcer e rasurar memórias num desejo de viabilizar caminhos outros que me caibam.

Desejo seguir com a pesquisa, agora de forma intencionalmente coletiva, buscando entender de que formas posso coletivizar não só processos, mas o sonho e desejo de abertura de portais para novos mundos.

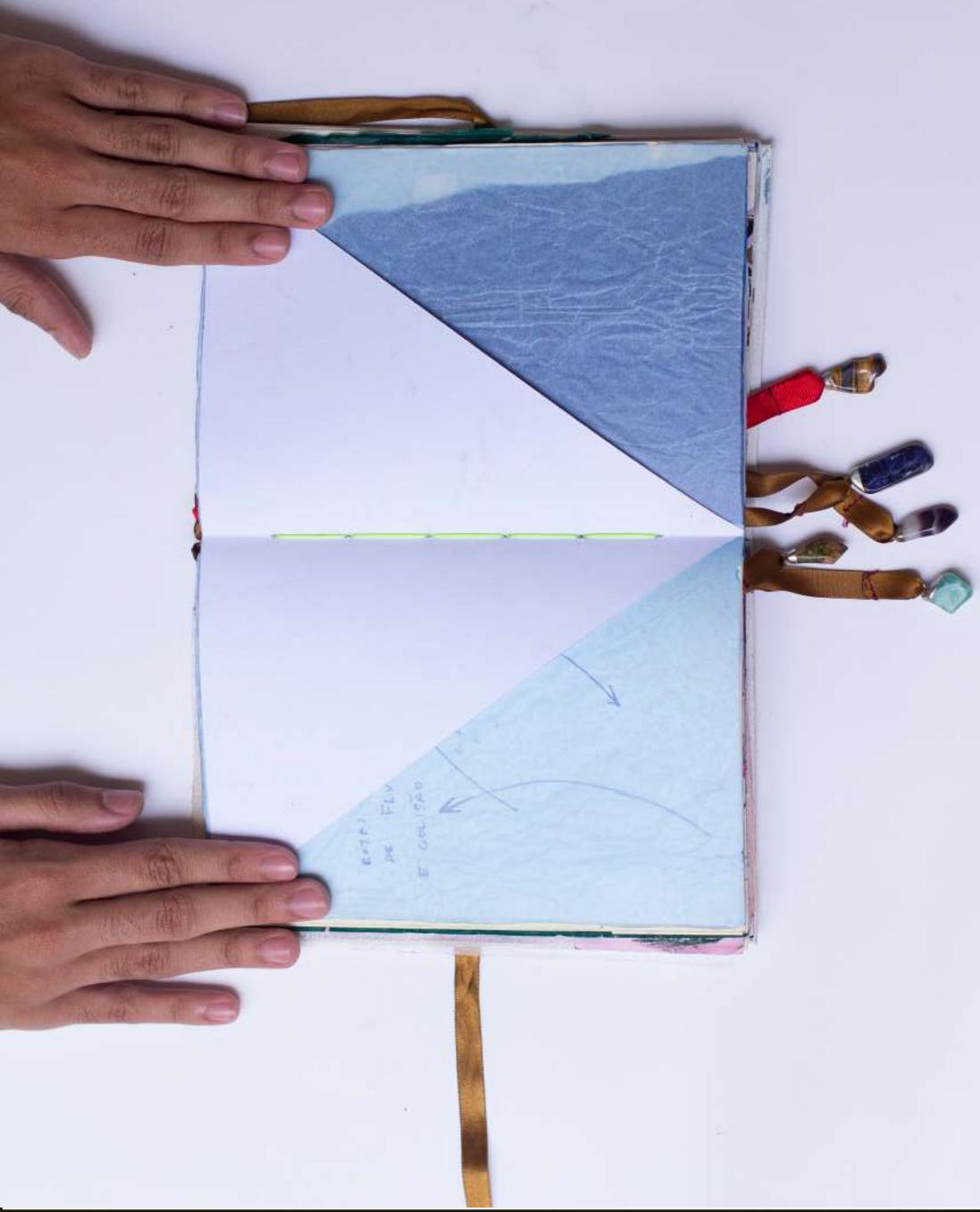
Como num feitiço, desestruturo aqui todos os pilares de concreto que um dia tentaram me fincar. Sou livre.

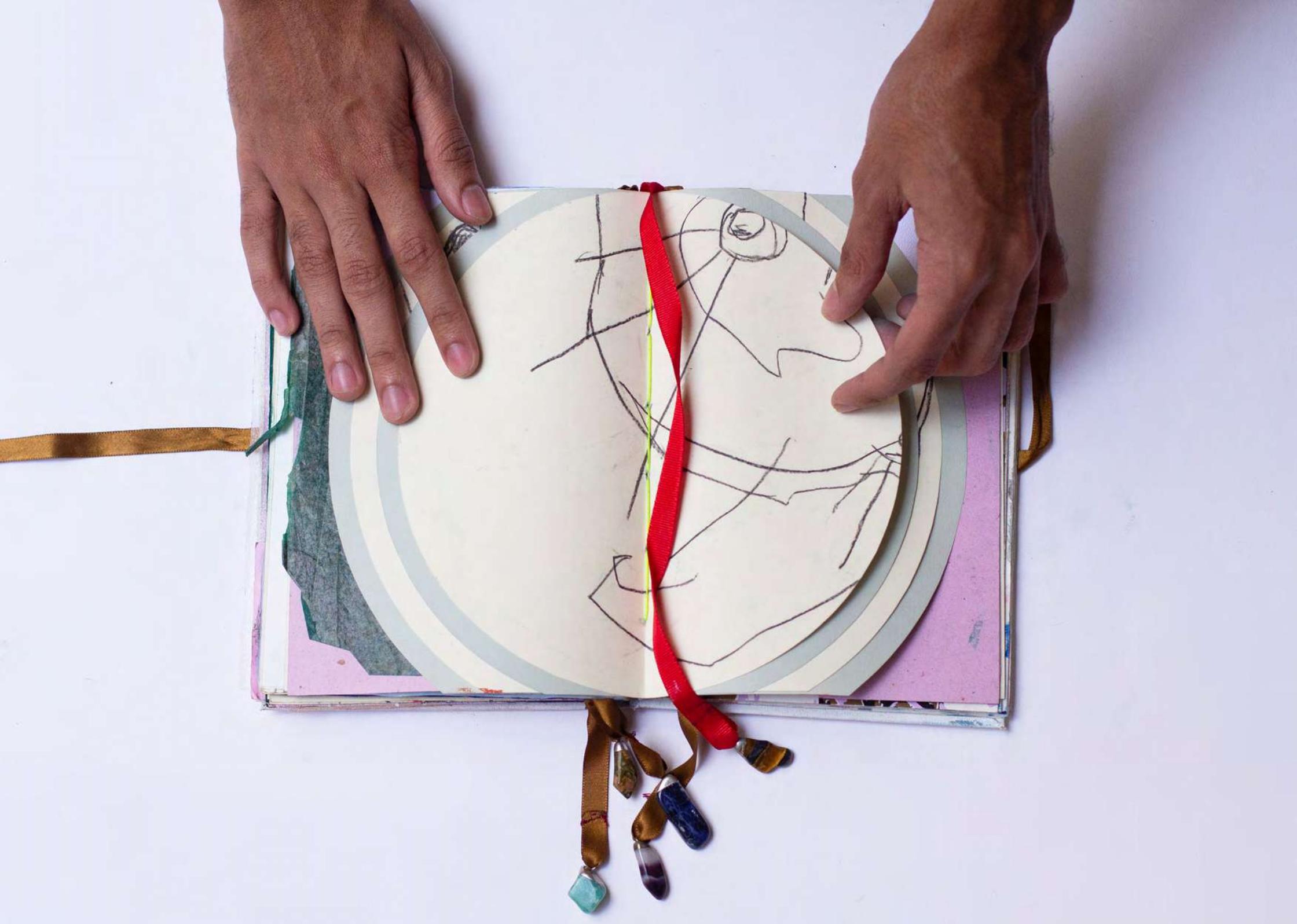




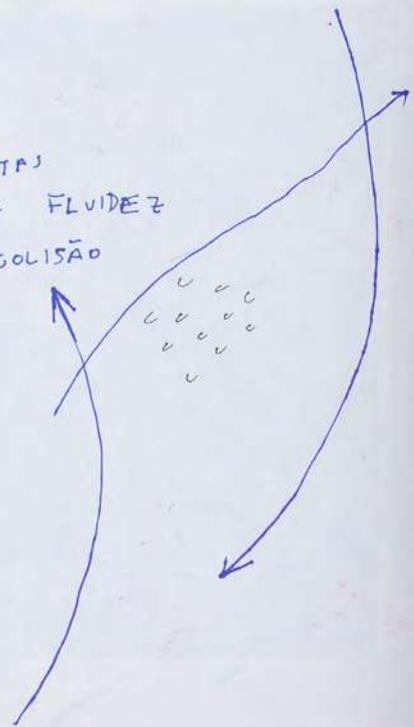


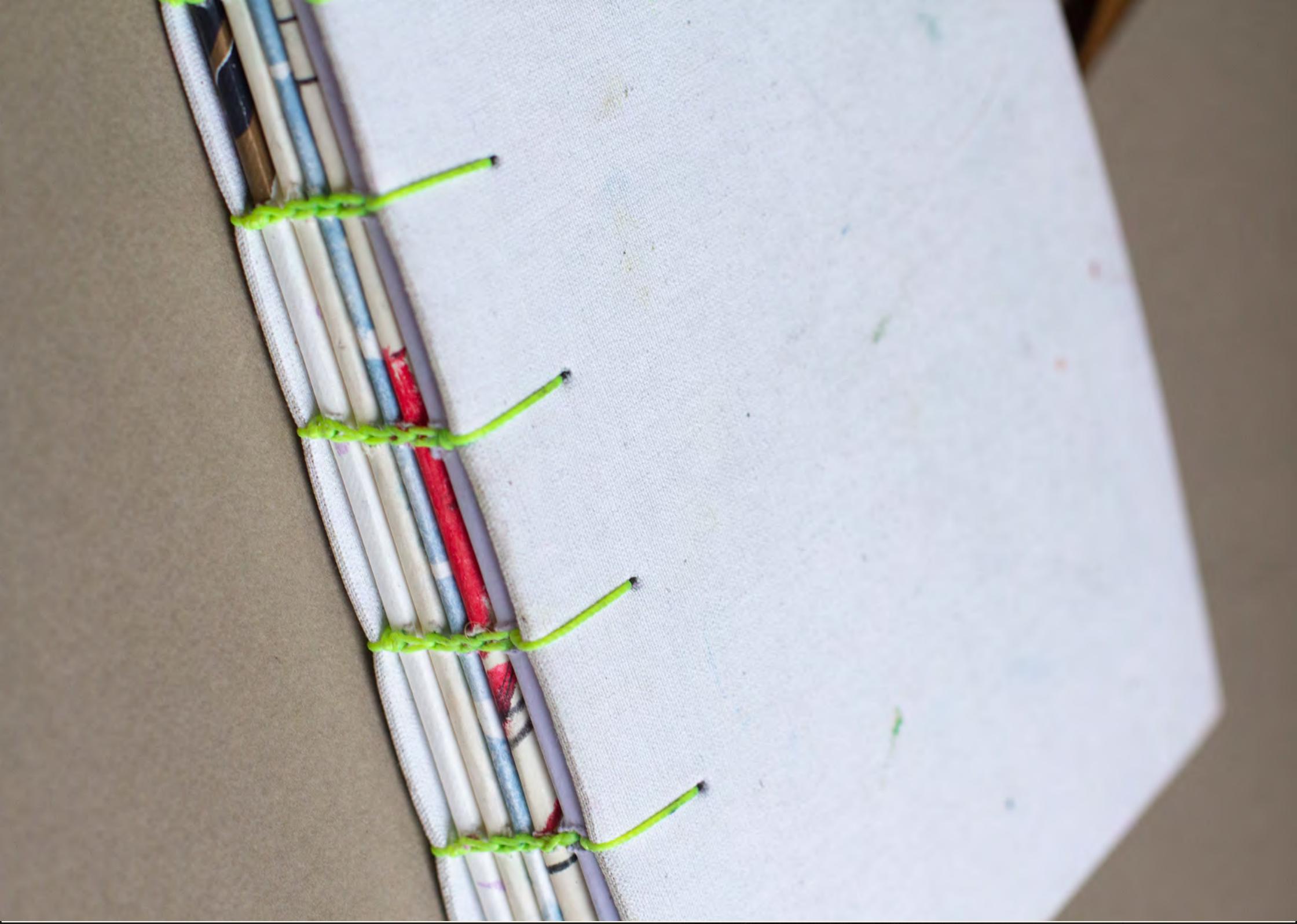






ROTAS
DE FLUIDEZ
E GOLISÃO





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas 8.01 (2000): 229-236.

BALDWIN, James, and Sol Stein. *Native Sons. One World*, 2009.

BATISTELA, Erica. *MIRA SCHENDEL: todas as formas de dizer o indizível*. Em: Revista Criação & Crítica. 2019.

BOMANI, Neta. *Dark matter objects: Technologies of capture and things that can't be held (Trailer)*. Disponível em: <<https://vimeo.com/548073590>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*, N 1 Edições.

BUTLER, Octavia E, e Carolina Caires Coelho. *A Parábola Do Semeador*. São Paulo, Editora Morro Branco, 2018.

DE CAMPOS, Gisela Belluzzo. *O manuscrito e a manualidade como resistência e diferenciação*. DAT Journal 6.4, 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*." Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2, p. 67, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. Em: *O que é um autor?* 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GLISSANT, Édouard; JORGE, Eduardo; VIEIRA, Marcela. *Poética da relação*. Bazar do Tempo, 2021.

KIFFER, Ana. *Corte/Relação: Antonin Artaud e Édouard Glissant*. In OSE, Elvira Dyangani. (editora); *34ª Bienal de São Paulo: Faz escuro mas eu canto: catálogo*. Vários autores. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2021.

MOMBAÇA, Jota. *#34bienal (Entrevista/Interview) Jota Mombaça*. Disponível em > youtu.be/DSJR-Jg5xbo<, 2021, Acessado em 26 de Abril de 2023.

MOMBAÇA, Jota. *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes dessa época foram acendidas*, Buala [blog], Corpo em revista, 26 de Novembro de 2018.

NASCIMENTO, Milton. *Cais*. Universal Music Ltda, 1972.

NASCIMENTO, Milton, Gal Costa. *Solar*. Universal Music LTDA, 1987.

PEREIRA, Nilton Mullet. *Professoras de História Aprendendo Com Ailton Krenak*. *Jornal Da Universidade*, 25 Mar. 2021, Disponível em >www.ufrgs.br/jornal/professoras-de-historia-aprendendo-com-ailton-krenak/<

PROPÁGULO. *A Propágulo. Sobre*. 2023. Disponível em: <<https://www.propagulo.com.br/sobre>>. Acesso em: 28 de abr. de 2023.

SANTANA, Tiganá. *Tradução, interações e cosmologias africanas*. *Cadernos de Tradução*, v. 39, 2020.

SILVEIRA, Paulo. *Definições e indefinições do livro de artista*. In: *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71.



